

MARCELO MARCHESINI



OS SENTIDOS DA LEITURA EM CECÍLIA MEIRELES:

“ OU ISTO OU AQUILO ”

**CAMPINAS
2001**

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

FE
TCC-UNICAMP
M332s
BO 267
1241 4003
X
11,00
DATA 05.11.03
Nº 013 Pub. ed. 322033

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**
Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

M332s	<p>Marchesini, Marcelo.</p> <p>Os sentidos da leitura em Cecília Meireles / Marcelo Marchesini. -- Campinas, SP: [s.n.], 2001.</p> <p>Orientador : Norma Sandra de Almeida Ferreira.</p> <p>Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.</p> <p>1. Meireles, Cecília, 1901-1964. 2. Leitura. 3. Poesia. 4. Literatura. 5. Literatura infantil. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação.</p>
	01-0188-BFE

MARCELO MARCHESINI

OS SENTIDOS DA LEITURA EM CECÍLIA MEIRELES:

“OU ISTO OU AQUILO”

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial do
curso de Pedagogia da Faculdade de
Educação/ Unicamp, sob a orientação da
Profª . Drª. Norma Sandra de Almeida
Ferreira

Campinas

2001

BANCA EXAMINADORA:

**Profª. Dra . Norma Sandra de Almeida Ferreira
(Orientadora)**

**Prof. Dr. Joaquim Brasil Fontes Júnior
(2º leitor)**

Dedico este trabalho, símbolo de um caminho de transformação
à minha companheira Rosane e a meus pais,
sempre presentes nesta conquista.
com carinho

Agradecimentos

- À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Norma Sandra de Almeida Ferreira, pelo compromisso, orientação e paciência;
- Ao Prof. Dr. Joaquim Brasil Fontes Júnior que aceitou ser o segundo leitor dessa pesquisa;
- À FAPESP que permitiu a realização desta pesquisa;
- Aos funcionários da Biblioteca FE / UNICAMP;
- Aos funcionários do Centro de Documentação Cultural “Alexandre Eulálio” (CEDAE);
- Aos funcionários do Arquivo Edgard Leuenroth (AEL)
- Aos meus colegas e amigos que ao longo deste curso foram companheiros de trabalho, discussões e lazer;
- E a todos os professores que com seus conhecimentos e experiências contribuíram na minha formação.

Sincero reconhecimento

OU ISTO OU AQUILO

***Ou se tem chuva e não se tem sol
ou se tem sol e não se tem chuva!***

***Ou se calça a luva e não se põe o anel,
ou se põe o anel e não se calça a luva!***

***Quem sobe nos ares não fica no chão,
quem fica no chão não sobe nos ares.***

***É uma grande pena que não se possa
estar ao mesmo tempo nos dois lugares!***

***Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,
ou compro o doce e gasto o dinheiro.***

***Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...
e vivo escolhendo o dia inteiro!***

***Não sei se brinco, não sei se estudo,
se saio correndo ou fico tranquilo.***

***Mas não consegui entender ainda
qual é o melhor: se é isto ou aquilo.***

Cecília Meireles

ABREVIATURAS

- AEL - Arquivo Edgard Leuenroth - Centro de Pesquisa de Documentação Social / Unicamp
- BC - Biblioteca Central - Unicamp
- CEDAE - Centro de Documentação Cultural “Alexandre Eulálio”
- FBN - Fundação Biblioteca Nacional
- FE - Faculdade de Educação - Unicamp
- FNLIJ - Fundação Nacional do Livro Infante-Juvenil
- IEL - Instituto de Estudos da Linguagem - Unicamp
- IFCH - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Unicamp
- PROLER - Programa de Leitura
- MEC - Ministério de Educação e Cultura
- MINC - Ministério da Cultura
- UNESP - Universidade do Estado de São Paulo
- UNICAMP - Universidade de Campinas
- USP - Universidade de São Paulo

Sumário

1. Introdução	1
2. Um percurso metodológico no levantamento bibliográfico sobre <i>Ou isto ou aquilo</i>	4
3. Análise do levantamento bibliográfico.....	8
3.1- Produção e distribuição em suportes e décadas.....	9
3.2- Produção distribuída em suportes de texto e temas.....	19
4. Análise dos textos.....	26
4.1 – <i>Ou isto ou aquilo</i>	28
4.2 – <i>Cecília menina</i>	32
4.3 – <i>Vertentes da Poesia Infanto-Juvenil Brasileira</i>	36
5. Conclusão.....	39
6. Bibliografias	
6.1 - Bibliografia 1: Bibliografia crítica sobre o livro <i>Ou isto ou aquilo</i>	45
6.2 - Bibliografia 2 : Bibliografia sobre a produção poética de Cecília Meireles.....	49
6.3 – Bibliografia 3 : Referências Bibliográficas	50
7. Anexos	
7.1 - Anexo-1	52
7.2 - Anexo-2	58
7.3 - Anexo-3	66

Lista de Ilustrações

Fig.1 – Quadro do levantamento bibliográfico em décadas..... 9

Fig.2 – Quadro do levantamento bibliográfico distribuído em
décadas e suportes..... 10

Fig.3 – Quadro do levantamento em suportes de textos e temas... 21

1. – INTRODUÇÃO

Durante o meu contato com os livros e como apreciador da leitura de obras literárias me deparava sempre com algumas perguntas: O que será que o autor quer dizer com este texto? Será que meu entendimento está correto? Um crítico produz uma interpretação totalmente diferente do que consegui entender, a dele é melhor que a minha interpretação? Será que existe apenas uma maneira de se interpretar um texto?

Ao entrar em contato com a linha de pesquisa historiográfica de Chartier (1996, 1997, 1998) e Cavallo (1998), como também, com os estudos de Lajolo (2001) e Zilberman (1984, 1987 e 1988) sobre a questão da linguagem e crítica literária, passo a desconfiar que os conceitos sobre o ato de ler, sobre linguagem e sobre recepção dos sentidos da leitura de um texto podem ser muito mais complexos do que até então imaginara.

Conforme Roger Chartier e Domingo Cavallo :

"...a leitura não está inscrita no texto, sem uma distância pensável entre o sentido atribuído a este último (por seu autor, seu editor, pela crítica, pela tradição, etc. ...) e o uso ou a interpretação que dele pode ser feita por seus leitores. "(Cavallo e Chartier, 1998: p.5)

Com esta afirmação Chartier e Cavallo consideram que é possível reconhecer diferentes significações, diferentes leituras produzidas por diversos leitores em diferentes momentos, épocas e circunstâncias sócio-históricas.

Nesta perspectiva, ainda que um texto traga estratégias usadas pelo autor/editor para orientar uma maneira de compreender ou controlar a compreensão do leitor, este é responsável por dar significação a certo texto, sempre terá um espaço de liberdade, invenção e singularidade.

O encontro do leitor com um texto apenas aparentemente é idêntico ao de outro encontro de um mesmo leitor com o mesmo texto em circunstâncias diferentes, ou um outro encontro de leitores diferentes com o mesmo texto.

Em cada encontro são diferentes técnicas, formas, relações, expectativas, interesses, competências de leitura, convenções e disposições que comandam esse encontro, tanto do leitor quanto do autor/editor através do texto.

A leitura pensada deste modo, não sendo sempre igual e a mesma em qualquer lugar e tempo, pode ser estudada, inventariada em sua historicidade.

“ (...) a leitura é sempre uma prática encarnada por gestos, espaços e hábitos. Longe de uma abordagem fenomenológica que apaga as modalidades concretas da leitura, considerada como uma invariante antropológica, é preciso identificar as disposições específicas que distinguem as comunidades de leitores, as tradições de leitura, as maneiras de ler ” (Cavallo e Chartier, 1998 : 6).

Considerando que um mesmo texto possa ser lido e entendido de maneiras diferentes por leitores de acordo com a época, lugar, circunstâncias e acrescentando que leitores participam de uma “comunidade de interpretação” que os possibilita partilhar técnicas, maneiras, gestos, que os identificam com esta comunidade, podemos afirmar que a produção de sentidos é orientada tanto pela inventividade de cada leitor quanto pela forma de ler de sua comunidade de leitores

A leitura não é simplesmente uma habilidade, mas uma maneira peculiar de estabelecer significados, maneira essa que provavelmente varia de cultura para cultura. Reconhecer leituras, em sua dimensão histórica exige considerar que:

“ ... o mundo do texto é um mundo de objetos, de formas de rituais, cujas convenções e disposições incitam à construção de sentido. Considera que de outro lado, que o “mundo do leitor” é construído por comunidades de interpretação, segundo a expressão de Stanley Fish, às quais pertencem os leitores (as leitoras) participantes. Cada uma dessas comunidades partilham e se relacionam com a escrita, um mesmo conjunto de competências, usos, códigos de interesses. ” (Cavallo e Chartier, 1998: 7).

Se aceito que existem “comunidades de interpretação“, leituras individuais, apesar de toda a maquinaria inscrita no texto pelo autor/editor com intenção de orientar a compreensão, penso que as questões levantadas no início do meu texto podem ser parcialmente respondidas. O meu entendimento do texto pode ser diferente do da crítica, não há uma única maneira de interpretar um texto, existem leituras mais ou menos legitimadas socialmente. No entanto, resta-me ainda algumas perguntas: como se dá esse processo de compreensão? Como são essas maneiras/formas diferentes de se ler um mesmo texto? Como pode um mesmo texto ser lido diferentemente por algumas pessoas?

Ao percorrermos a História da Leitura podemos distinguir várias maneiras de como as leituras são feitas, podemos descobrir várias comunidades que partilham dos mesmos códigos e signos para a devida interpretação, como também as diversas interpretações de um mesmo texto em épocas distintas. Assim é, que ler na Grécia

Antiga, na Idade Média ou na Idade Moderna tem significados diferentes, finalidades, maneiras totalmente diversas.

Cada época possui seus códigos, convenções, tradições, invenções entendidos neste contexto e nessas circunstâncias históricas. Estudar as possíveis diferenças nas maneiras de ler no interior de diferentes grupos sociais ou no interior de uma determinada comunidade torna-se hoje, um desafio.

O intuito principal desta pesquisa é o de conhecer os modos, como os sentidos da leitura se apresentam em um grupo específico de produtores de conhecimento: o da crítica literária.

A História da leitura através dos estudos principalmente de Chartier (1996, 1997, 1998) apresentados na introdução desta pesquisa, permitem uma certa compreensão do modo como os meios de produção, circulação e difusão de determinadas comunidades de leitores produzem e orientam sentidos.

A crítica literária é uma dessas comunidades considerada privilegiada e valorizada socialmente. Buscar entender as diferentes interpretações dessa comunidade a respeito do livro *Ou isto ou aquilo* de Cecília Meireles é o nosso desafio. Que interpretações e sentidos em diferentes períodos foram produzidos ? Até que ponto eles dialogam entre si? O que há em comum? Ou diferente entre os sentidos produzidos ?

Quer através de artigos acadêmicos publicados em livros e periódicos, quer através de palestras, seminários e congressos na área, de qualquer maneira, a crítica literária sendo considerada uma voz autorizada a “falar” sobre leitura/literatura acaba orientando sentidos, interpretações sobre autores, obras e correntes literárias diversas. Esta maneira de ler e entender, legitimada, acaba muitas vezes por ser apropriada pelo leitor através do mercado editorial.

A autora que pretendemos pesquisar mais de perto é uma daquelas que tem sido enfaticamente abalizada pela crítica literária, pela grandeza e qualidade de sua produção literária.

A sua obra *Ou isto ou aquilo* tem diversas edições parcial e integralmente publicadas e esgotadas em diferentes editoras, em diferentes épocas.

Por outro lado a autora pesquisada, Cecília Meireles, além de representar uma das maiores autoras de textos poéticos brasileiros destinadas à criança, também pode ser considerada presença significativa na área da Educação.

Sua formação na Escola Normal (Instituto de Educação) diplomando-se como professora em 1917, como também, criadora da primeira biblioteca do gênero infantil instalada no pavilhão Mourisco, em Botafogo e autora de artigos e livros ligados ao assunto ensino e literatura infantil, justifica minha escolha por ela nesta pesquisa.

O livro *Ou isto ou aquilo* publicado em 1964 pela Editora Giroflê primeiramente com vinte poemas e depois com um número maior de poemas nas edições póstumas posteriores é um marco na história da literatura infantil nacional, pois serviu para inspirar uma geração de outros autores, tais como Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Ziraldo, Lígia Bojunga e outros.

2.- UM PERCURSO METODOLÓGICO NO LEVANTAMENTO

BIBLIOGRÁFICO SOBRE *OU ISTO OU AQUILO*

Nossa pesquisa inicia com a pesquisa bibliográfica, que tematiza os sentidos produzidos por uma comunidade específica: a crítica literária sobre a obra poética de Cecília Meireles, especialmente o livro *Ou isto ou aquilo*.

A investigação tem como escopo, textos críticos referentes à obra acima citada, pesquisados em artigos e capítulos em livros, artigos em periódicos que englobam revistas e jornais, dissertações de mestrado e teses de doutorado produzidas nos programas de Pós-Graduação e ainda textos localizados em endereços eletrônicos da INTERNET.

As primeiras buscas foram realizadas na biblioteca da Faculdade de Educação da Universidade de Campinas (FE/UNICAMP), através da consulta de seu acervo, que compreende livros, revistas e teses, como também das demais bibliotecas do complexo da UNICAMP, pois o programa específico ACERVUS permite a consulta da totalidade dos acervos desta Universidade.

Esta investigação permitiu encontrar o instrumento fundamental que serviu de base de sustentação de nosso trabalho: a tese de mestrado de Ana Maria Domingues de Oliveira, *Estudo Crítico da Bibliografia sobre Cecília Meireles*, realizada em 1988, no Instituto de Estudos de Linguagem (IEL), da UNICAMP, que compreende o levantamento bibliográfico e crítico da obra de Cecília Meireles até 1988.

Através desta tese pudemos dividir o levantamento bibliográfico em duas partes. A primeira refere-se à busca dos textos que foram levantados exaustivamente por Ana Domingues de Oliveira abrangendo a produção crítica de 1964 até 1988. Uma segunda, que passou a exigir principalmente esforços de nossa parte, foi orientada na busca da produção crítica porventura não detectada pela autora, como também textos produzidos até o ano definido por esta pesquisa, 2000.

As investigações permitiram a localização de **42** títulos nos diversos suportes de leitura analisados, entre eles a tese de Oliveira (1988), no período de abril/2001 a julho/2001.

Do universo da produção bibliográfica sobre Cecília Meireles encontrada por Ana Domingues de Oliveira foram selecionados **23** artigos que se referiam à obra *Ou isto ou aquilo*, publicada em 1964, ano da morte da escritora.

Dentre esses **23**, um conjunto de **7** artigos ou capítulos estão em livros que abarcam vários aspectos que contemplam a obra da autora: literatura infantil, poesia, literatura moderna e crítica literária entre outros; **5** artigos em revistas especializadas em literatura, cultura geral, informativo e artigos destinados a professores da área de literatura e língua portuguesa, **11** artigos em jornais levantados nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre.

Os textos dos livros: Coelho (1981), Cunha (1970, 1987), Lajolo & Zilberman (1984), Olinto (1983) Pondé (1985), Azevedo Filho (1970) e das revistas: Albuquerque (1984), Frota (1976), Perrotti (1987), Russomano (1979) e Yunes (1976) foram localizados nas bibliotecas da Faculdade de Educação (FE / UNICAMP), Instituto de Estudos de Linguagem (IEL/UNICAMP) e Biblioteca Central (BC-UNICAMP).

Quanto aos artigos em jornais: Andrade (Correio da Manhã, 10/07/64), Folha da Tarde (19/12/72), Frota (Correio da Manhã, 18/01/70), Lemos (O Globo, 24/07/77), Moutinho (Folha de São Paulo, 19/04/77), Jornal do Brasil (02/06/81 e 26/06/81), Folha de São Paulo (14/12/69 e 21/12/72), O Globo (04/02/73), Diário de Notícias (09/06/74) foram obtidos através do Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio (CEDAE) vinculado ao IEL/UNICAMP, que tem como objetivo organizar e conservar materiais produzidos em pesquisas e projetos realizados pelos docentes. O CEDAE compilou a maioria dos artigos jornalísticos encontrados por Ana Domingues de Oliveira, denominado *Projeto Cecília Meireles* o que permite a

outros pesquisadores, como no nosso caso, maior rapidez na localização e na análise dos artigos mencionados na tese.

A grande dificuldade decorreu na segunda etapa de nosso trabalho, que foi a busca de artigos e textos dos anos posteriores a 1988 até hoje. Pouquíssimos trabalhos foram encontrados referentes à obra pesquisada, o que pode ser explicado entre outros motivos, entre eles a dificuldade da pesquisa no Brasil, já detectada por Ana Domingues de Oliveira:

“Porém, talvez tão importante quanto encontrar novos títulos, havia feito outra descoberta: a precariedade das bibliotecas e arquivos no Brasil. E, novamente à minha espreita, outro círculo rodeia a área das pesquisas bibliográficas: não só a realização delas é dificultada pela ausência de uma tradição universitária deste campo, como a própria estrutura (ou ausência de) de nossas bibliotecas e arquivos são empecilhos a tal atividade...” (Oliveira, 1988: p.15).

Os artigos encontrados referentes aos anos de 1989 em diante, quando encontrados, compreendem reedições de livros e artigos já localizadas anteriormente. Eles compõem um conjunto de **18** títulos: **5** artigos em livros, **4** artigos em dissertações de mestrado, **1** artigo em jornal e **8** artigos em endereços eletrônicos na INTERNET.

O artigos em livros compreendem as produções de Aguiar (1986), Averbuck (1986), Zilberman e Magalhães (1984), Rezende (1993) e Lajolo (2000).

A busca pela produção crítica em jornais sobre a obra foi feita com a valiosa colaboração dos funcionários do Centro de Pesquisa e Documentação Social denominado Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) vinculado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH/UNICAMP), onde folheamos mais de 400 jornais que compreendem as coleções *Suplemento Cultural*, depois chamado, *Cultura* do jornal *O Estado de São Paulo* e *Folhetim*, depois denominado *Caderno Mais*, do jornal *Folha de São Paulo* até suas mais recentes edições. Mesmo com esta colaboração encontramos apenas 1 artigo de jornal, o de José Paulo Paes, *Para francês ler* (04/04/87).

Sobre a produção referente à década de 90 em diante, através de consulta doo CD-ROM UNIBIBLI (1999), foram localizados ainda trabalhos de maior complexidade em pesquisa e que compreende o acervo de periódicos, dissertações de mestrado e teses de doutorado das três universidades públicas paulistas, UNICAMP, USP e UNESP.

A pesquisa no CD-ROM UNIBIBLI (1999) ocorreu através das palavras chaves **Ou isto ou aquilo**, **Cecília Meireles** e **Literatura Infantil** que foram buscadas separadamente ou em conjunto, na tentativa de cobrir todo o campo de produção na área.

Essa produção acadêmica composta por 4 dissertações de mestrado produzidas a partir da década de 80, parece indicar a emergência do interesse de pesquisadores pela obra de Cecília Meireles em centros acadêmicos específicos.

Entre as 4 dissertações encontradas, 2 são específicas, intensamente voltadas para a obra *Ou isto ou aquilo : Poesia Infantil e Ilustração: estudo sobre Ou isto ou aquilo de Cecília Meireles* (Camargo, 1998) ; *O paralelismo em poesia, Ou isto ou aquilo & inéditos* (Martins, 1980). Com relação às outras 2 dissertações, uma delas, *A imagem na poesia de Cecília Meireles* (Araújo, 1981) contempla em apenas um capítulo, *A Terra*, um texto sobre a obra *Ou isto ou aquilo*, enquanto que a última , *O tempo na poesia de Cecília Meireles* (Belon, 1992), traz uma extensa bibliografia, na qual constam 13 títulos referentes a vários estudos sobre obras de Cecília Meireles e produzidos no período até 1988, que não tinham sido apontadas em Oliveira (1988).

Além das investigações anteriores em fontes impressas e em bancos de dados eletrônicos utilizamos novas ferramentas que puderam ampliar o campo de pesquisa. Nesta perspectiva, “navegamos” pela INTERNET. Através do site de busca GOOGLE PESQUISAS e utilizando palavras chaves como **Ou isto ou aquilo** e **Cecília Meireles** em conjunto, pudemos encontrar 319 sites referentes à obra *Ou isto ou aquilo* que compreendem em sua maioria dados bibliográficos, citações de poemas, entre outras formas de divulgação. Apesar do número significativo de dados encontrados, poucas detinham-se em análises críticas da obra pesquisada. No enfoque que estamos dando ao nosso trabalho foram encontrados referências sobre a obra *Ou isto ou aquilo* em 8 endereços eletrônicos (Bibliografia 1).

3. - ANÁLISE DO LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Após a primeira etapa do trabalho, levantamento bibliográfico, partimos para um segundo momento, ou seja, uma primeira leitura e análise do material compilado. Com isso deparamo-nos com os seguintes problemas: como deveríamos analisá-los para melhor compreensão do projeto proposto? Que caminhos descobrir nesta análise?

Como a pesquisa proposta inicialmente fora de pesquisarmos que sentidos são produzidos com a leitura da obra *Ou isto ou aquilo* de Cecília Meireles em diferentes períodos de tempo, por uma comunidade específica de leitores, a “crítica literária”, vimos por bem dividir a análise em dois focos de estudos diferentes e complementares.

O primeiro foco de estudo e análise contempla o material encontrado através da pesquisa em **diferentes épocas e diferentes suportes de texto**, isto é, as últimas décadas do século XX: de 60 (1964 a 1969), 70 (1970 a 1979), 80 (1980 a 1989) e 90 (1990 a 1999 e 2000). Tomamos como referência inicial o ano de 1964, por ser o ano da primeira publicação da obra *Ou isto ou aquilo*, pela Editora Giroflê de São Paulo.

O segundo foco de análise diz respeito a uma relação entre os **suportes de textos com os temas** por eles propostos, pois, a crítica especializada apresenta uma diversidade de textos no conjunto de suportes, na divulgação e circulação de suas pesquisas. Com isso separamos o material encontrado, textos e artigos nos suportes impressos: livros, periódicos que compreendem jornais e revistas, teses universitárias e informatizadas em CD-ROM e endereços eletrônicos encontrados na INTERNET.

3.1 – PRODUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO EM SUPORTES E DÉCADAS

Numa possível organização a partir da identificação das produções críticas em torno da obra *Ou isto ou aquilo*, apresentamos o quadro dos artigos encontrados em quatro períodos: décadas de 60, 70, 80 e 90, incluindo o ano de 2000. Senão vejamos:

Fig.1: Quadro do levantamento bibliográfico em décadas

Décadas/ Suportes	1964 - 1969	1970 - 1979	1980 - 1989	1990 - 2000	Total
Obra/Arti go	2	12	16	12	42

Como podemos ler o quadro que identifica a quantidade de obras e artigos distribuídos ao longo do período de 1964 a 2000? Que razões explicariam que determinada década contemple maior quantidade de artigos, aglutinados em torno dela, do que em outra?

Na análise desses períodos seqüenciais percebemos que há um significativo crescimento no interesse de leituras, análise e divulgação da obra *Ou isto ou aquilo* por parte da crítica ao longo principalmente das três primeiras décadas. Se nos anos 60, localizamos apenas **2** artigos, a década de 70 dá um salto seis vezes maior em relação a anterior, **12** ao todo, enquanto que a década de 80 apresenta um adensamento maior com **16** trabalhos. Entretanto, a década de 90, revela uma queda de **16** (anos 80) para **12** publicações.

Para melhor visualização da quantidade material e posterior análise qualitativa houve por bem desenhar um quadro que abrangesse tanto as décadas pesquisadas quanto os tipos de suportes de leitura analisados.

Considerando que os textos não são lidos desligados de uma materialidade física, estamos utilizando o termo **suporte de texto** (Chartier, 1996) como o lugar no qual este texto é oferecido aos seus leitores para serem lidos: livros, revistas, jornais, teses e tela de computador.

Na organização e distribuição da produção sobre a obra *Ou isto ou aquilo* em décadas, tomamos como referência principalmente a data da 1ª edição do livro. Em

alguns casos não foi possível localizar a data precisa da referida 1ª edição, neste caso, utilizamos a data que constava no livro consultado e apontamos a edição a que ela se referia.

Fig. 2: Quadro de levantamento bibliográfico sobre a obra *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles, distribuídos em décadas e suportes

Décadas Suportes	1964 – 1969	1970 – 1979	1980 – 1989	1990 - 2000	Total
Artigos em Livros	-	2	8	2	12
Artigos em Revistas	-	3	2	-	5
Artigos em Jornais	2	7	3	-	12
Textos em Teses	-	-	3	2	5
Artigos na INTERNET	-	-	-	8	8
TOTAL	2	12	16	12	42

Quais reflexões poderíamos produzir na análise dos dados deste quadro? Quais hipóteses poderiam estar de acordo com os dados acima expostos? Por que uma maior quantidade de determinado suporte em detrimento de outro? Por que determinada década contempla maior quantidade de textos do que outra?

Se detivermos o nosso olhar apenas para a década de 60, com seus dois artigos, a que poderia este reduzido número significar?

Uma das hipóteses seria a ausência de um conjunto significativo de autores e obras dirigidas ao público infantil até então, a ausência de uma discussão em torno do gênero Literatura Infantil em instituições acadêmicas e na mídia em geral.

Como sabemos, a História da Literatura Infantil no Brasil enquanto gênero é bastante recente. De acordo com Sandroni (1998), na década de 60 quase não encontramos autores de poesia infantil, apenas se destacando Cecília Meireles e Sidônio Muralha.

Se voltarmos à História da Literatura Infantil anterior à década de 60 podemos conhecer, ainda que de modo um pouco apressado, o surgimento deste gênero e a emergência de autores voltados ao público leitor infantil.

Segundo Sandroni (1998), até o fim do século XIX o que existia de literatura infantil era reservada aos livros importados e destinadas à elite brasileira letrada, não existia uma indústria editorial específica para este segmento cultural.

Apenas na primeira década do século XX começam a aparecer os primeiros autores brasileiros, mas mesmo assim, em edições escolares editadas em Portugal e tem início também diversas traduções de clássicos da literatura universal como os autores Perrault, Grimm, Andersen e outros.

De acordo com Arroyo:

“A reação nacional ao enorme predomínio da literatura didática e literatura infantil que nos vinha de Portugal, em obras originais e traduzidas, manifestou-se de forma isolada em algumas regiões mais desenvolvidas culturalmente no país. Mas foi particularmente na área escolar que ela começou, passando depois a dar exemplo de inconformismo pleno na área das traduções. A rigor foi uma reação teórica, que se compreende facilmente em face dos profundos laços de identidade que nos ligavam a Portugal.” (Arroyo, 1990: 163)

Vários autores começaram a despontar no cenário brasileiro com preocupações específicas no âmbito escolar: Antônio Marques Rodrigues com *O Livro do Povo* (1861); Abílio César Borges com *O Método Abílio* (1861); Meneses Vieira com *O Amiguinho Nhonhô* (1882); Hilário Ribeiro com *Série Instrutiva* (1882); Júlia Lopes de Almeida com *Contos Infantis* (1886); Felisberto de Carvalho com *Livros de Leitura e Série Didática* (1890); Figueiredo Pimentel com *Contos da Carochinha* (1896), primeira coletânea brasileira de literatura infantil organizada com a intenção de traduzir produções estrangeiras; Viriato Correia com *Era uma vez* (1908); Olavo Bilac com *Através do Brasil* (1910) e muitos outros. (Coelho, 1991).

Até que, em 1921, aparece a obra de estréia de Monteiro Lobato, *A menina do narizinho arrebitado*, Segundo livro de leituras para uso das Escolas Primárias, que teve início o que se convencionou chamar de fase literária da produção brasileira destinada às crianças e jovens. Segundo Sandroni (1998):

“Monteiro Lobato foi o primeiro escritor brasileiro a acreditar na inteligência da criança, na sua curiosidade intelectual e capacidade de compreensão. Seus textos são cheios de citações e alusões que remetem a outros personagens, a outras épocas históricas e seus protagonistas. Ele foi um autor engajado, comprometido com o problema de seu tempo. Tinha um projeto definido: influir na formação de um Brasil melhor através das crianças. A partir dele, no Brasil, a literatura infantil perde uma de suas principais características, a de ser um instrumento de dominação do adulto e de uma classe, modelo de estruturas que devem ser reproduzidas. Passa a ser fonte de reflexão, de questionamento e de crítica”. (Sandroni, 1998: p.16)

Durante longo tempo a qualidade e ampla aceitação no mercado editorial da obra de Lobato ofuscam as demais contribuições de outros autores nacionais. É neste período que aparecem, ao mesmo tempo, no cenário da literatura infantil, as Histórias em Quadrinhos (décadas de 40 e 50), textos para o teatro infantil e textos para a música popular brasileira.

Segundo SANDRONI:

“Destacam-se alguns autores que souberam manter sua originalidade e escreveram livros que, até hoje, permanecem nos catálogos das editoras enquanto os demais foram rapidamente esquecidos. Entre os primeiros não podemos deixar de citar Menotti Del Picchia, Malba Tahan, José Lins do Rego, Viriato Correia, Érico Veríssimo, Vicente Guimarães, Ofélia e Narbal Fontes, Francisco Marins, Orígenes Lessa, Lúcia Machado de Almeida e Maria José Dupré...”. (Sandroni, 1998: p.17)

Neste contexto, acompanhada destes autores que publicam obras dirigidas ao público escolar que surge Cecília Meireles, no âmbito da literatura infantil, com a publicação de uma prosa poética, *Giroflê, Giroflá* editado em 1956, pela editora Civilização Brasileira e *Ou isto ou aquilo*, livro de poemas infantis editado, em 1964, pela Editora Giroflê.

Antes mesmo da publicação destas duas obras destinadas ao público infantil e escolar, desde a sua diplomação no Magistério em 1917, Cecília Meireles já demonstrava sua preocupação com este referido público.

Durante toda a sua vida, escreveu textos e obras específicas sobre o ensino e sobre a literatura infantil. Em 1924 é publicado *Criança, Meu Amor*, como livro didático, editado pelo Anuário do Brasil no Rio de Janeiro e *Rute e Alberto Resolveram Ser Turistas*, como matéria do programa de Ciências Sociais do 3º ano elementar, editado pela Editora Globo, de Porto Alegre, em 1939.

De 1930 a 1934 escreveu, no *Diário de Notícias*, páginas dedicadas ao assunto de ensino e de 1942 a 1944, no *A Manhã*, estudos sobre literatura infantil e folclore. Foi uma das signatárias do Manifesto dos Pioneiros da Educação em 1930 e também criou, em 1934, a primeira biblioteca especializada para o público infantil, em Botafogo, no Rio de Janeiro.

Em 1951 aparece o ensaio *Problemas da Literatura Infantil* publicado pela Imprensa Oficial de Belo Horizonte que continua a ter sucessivas reedições e reimpressões.

Assim é que, a produção literária em versos voltada para o leitor infantil na década de 60 ainda era bastante pequena em relação à prosa também destinada ao público infantil, e ainda pequena em relação à literatura destinada ao público adulto. Poucos poetas para o público infantil, reduzido interesse por parte da crítica em falar sobre eles.

Por outro lado, os dois artigos encontrados na década de 60 estão publicados em jornais. Neste caso, poderíamos levantar como hipótese de que esta ínfima quantidade revelaria a não existência de uma crítica especializada sobre Literatura Infantil. Nos anos 60 encontramos apenas críticas esporádicas, como ressalta Arroyo no ensaio *Literatura Infantil Brasileira*

“Devemos insistir em que a literatura infantil no Brasil não encontro seus críticos e seus historiadores, mercê, sem dúvida, de um preconceito que não se proclama, mas se cultiva: o de que ela é um gênero menor, e assim considerada não mereceu, nem merece, melhor atenção.... Proclamam-se, contudo, três exceções nessa área de pesquisa e de estudos: o trabalho do Prof. Fernando de Azevedo, pela sua amplitude sócio-cultural ; o do Prof. Lourenço Filho, em capítulo especial à “História da Literatura”, de Marques da Cruz, e o pequeno mas substancial livrinho de Cecília Meireles. :(Arroyo, 1990: p. 210-211)

Além das poucas exceções acima citadas podemos focalizar as críticas aos livros de Monteiro Lobato, que tiveram uma repercussão muito acima dos limites de uma crítica de um texto literário, de acordo com Coelho (1991) uma campanha foi movida por colégios religiosos em Taubaté com relação aos livros *História do Mundo para Crianças* e *Geografia de D.Benta* e também na era de Vargas, Lobato é enquadrado como comunista e perseguido tanto pelos populistas como pelas Ligas Femininas, daí uma crítica localizada em relação a seus livros, não especificamente ao gênero literatura infantil.

O livro infantil, na década de 60, ainda não merecia a devida atenção da indústria editorial enquanto uma produção dedicada a um específico leitor, girava em torno de poucos autores e edições. Em contrapartida, com a “invasão” no mercado editorial, da cultura americana através de outro gênero **Histórias em Quadrinhos**, a crítica volta-se para o discurso dos perigos dessa leitura na formação dos jovens leitores. Nesta perspectiva, por exemplo, é que a Comissão da Secretaria da Educação e Cultura do Município de São Paulo em 1956, que considerava a generalização das histórias em quadrinhos um perigo para a “civilização multissecular da escrita” e propõe a severa proibição nos Parques Infantis e Bibliotecas (Coelho, 1991).

Se voltarmos ao quadro do Levantamento Bibliográfico distribuído em décadas e olharmos para a de 70, vemos o quanto os dados se modificam. Verificamos um aumento expressivo no número de dois artigos, anos 60, para **12** na década de 70. Além disso, verificamos que os **12** artigos encontrados diversificam-se em relação aos suportes de texto: **2** artigos em livros, **3** artigos em revistas e **7** artigos em jornais. O que poderia ter provocado tal aumento tanto em quantidade de textos encontrados quanto em diversidade de suportes? Que sentidos podemos construir em relação ao aumento de matérias publicadas em jornais, diferentemente da década anterior?

Podemos supor algumas hipóteses:

O aumento do interesse da crítica especializada sobre Cecília Meireles pode estar relacionado com o aumento de uma produção cultural voltada à criança, principalmente, ao leitor na escola, que cresce na década de 70. Segundo Sandroni (1998), através da reforma do ensino, era obrigatório a adoção de autores nacionais nas escolas de primeiro grau, o que provocou um aumento ou a descoberta de vários autores, chamando a atenção da crítica.

“A reforma do ensino nos anos 70 aumentava o número de professores, de alunos e de escolas, incentivava e instituiu os cursos de pós-graduação, favorecendo o incremento da produção industrial de livros...” (Bordini, 1998: p.38)

O aumento do número de autores de literatura infantil como Fernando Lopes de Almeida, com *A fada que tinha idéias* e *Soprinho* (1971), Ruth Rocha, com *O reizinho mandão* (1978), Ana Maria Machado, com *História meio ao contrário* (1978), Bartolomeu de Campos Queirós, com *Onde tem bruxa, tem fada* (1979), Marina Colasanti, com *Uma idéia toda azul* (1979), Carlos Marigny, com *Lando das ruas* (1975), Eliane Ganem com *Coisas de menino* (1978), a poesia infantil de Vinícius de Moraes, com *A arca de Noé* (1971) e de Mário Quintana com *Pé de pilão* (1975) e muitos outros que diversificaram a temática infantil. Juntamente com estes autores ocorreram reedições da obra de Cecília Meireles: 1ª edição da Editora Civilização Brasileira, em 1977, com 56 poemas, 36 inéditos, e a 3ª edição das Obras Completas da Editora Aguilar com os 20 poemas originais da 1ª edição;

A diversificação da temática utilizada na literatura infantil, passou do tradicionalismo cultural, da influência dos autores do passado, do moralismo e da religiosidade para temas que incluem a atualidade dos problemas brasileiros, sem perder o lúdico, o imaginário, levando o leitor à reflexão e a crítica Sandroni (1998);

A expansão da indústria editorial unida ao ensino, o que pode ter propiciado um aumento da crítica, como podemos demonstrar em Bordini:

“...Foi especialmente no cenário contraditório dos anos 70 que a indústria editorial expandiu-se, confiante nos ganhos da inflação da moeda e com o surgimento de um público cativo, o único efetivamente forçado a comprar, o das escolas, que se multiplicaram em massa pelo país, oferecendo também uma educação massificante e alienante”. (Bordini, 1998: p.35)

Voltando ao quadro, do Levantamento Bibliográfico descrevendo em décadas e suportes, e detendo-nos nos dados localizados na década de 80, percebemos a tendência de crescimento de interesse da crítica literária pela obra de Cecília Meireles , agora **16** artigos no total: **8** artigos em livros, **2** artigos em revistas, **3** artigos em jornais e **3** textos em teses universitárias.

Pudemos observar, com relação à década anterior, um aumento muito grande na quantidade de textos em geral e uma diversificação nos suportes. Dentre os suportes de textos há um aumento significativo e há, uma diminuição em jornais de 70 para 80 e o aparecimento das teses acadêmicas que contemplam a obra de Cecília Meireles como *O Paralelismo em poesia, ou isto ou aquilo & inéditos* (Martins, 1980), *A imagem na poesia de Cecília Meireles* (Araújo, 1981) e *Estudo crítico da bibliografia sobre Cecília Meireles* (Oliveira, 1988).

O que poderia ter provocado uma movimentação de suportes de textos? Quais motivações poderiam ter orientado a emergência do gênero **tese** enfocando reflexões e leituras sobre *Ou isto ou aquilo*? E quais motivações poderiam ter levado os críticos a buscar uma maior qualidade nas reflexões sobre a obra infantil de Cecília Meireles ?

Uma diversidade de gêneros discursivos e reflexões mais aprofundadas visam um leitor mais especializado e exigente o que nos leva a pensar que neste período a obra de Cecília Meireles ganha status de obra de qualidade.

Manteve-se efetivamente durante esta década a expansão da literatura infantil, que poderiam significar segundo Brandão (1998) a consolidação de autores que já vinham se dedicando à literatura infantil como: Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Joel Rufino dos Santos, Sylvia Orthof, Maria Heloísa Penteado, Ziraldo e Elvira Vigna; o aparecimento de novos autores como: José Arrabal, Tatiana Belinky, Ciça Fittipaldi, Rogério Borges, Anna Flora, Ana Maria Bohrer, Márcia Kupstas,

Terezinha Alvarenga e outros e no campo da poesia podemos citar: Roseana Murray, Sérgio Caparelli, José Paulo Paes, Elias José, Ciça Alves Pinto, Mônica Versiani, Antônio Barreto entre outros. Isto poderia ter ocasionado um possível aumento da crítica em virtude do grande volume de obras editadas;

Como se vê, diferentemente da década de 60 onde Cecília Meireles compunha juntamente com Henriqueta Lisboa e Sidônio Muralha um grupo pequeno de poetas que escrevem para criança, a década de 80 traz um elenco significativo de novos autores. Mais autores, novos interesses de divulgação de suas obras e um público leitor.

É neste período que também podemos constatar a especialização do mercado editorial através da profissionalização da literatura infanto-juvenil com a publicação de coleções destinadas a este público como: *Coleção Pasquinzinho* de Ziraldo e Jaguar (Editora Codecri), *Coleção Ponto de Encontro* de Edmir Perrotti (Edições Paulinas), *Coleção Infantil Ilustrada* de Maria da Glória Bordini (L&PM) e outras.

Inicia-se nesta década uma maior preocupação com o papel da literatura infanto-juvenil, através da análise de textos e críticas sobre a produção editorial, diferentemente da década de 70, como nos chama a atenção Brandão:

“A década de 1970 é conhecida por ter sido o grande boom da literatura infantil, pois um enxame de livros e de autores foram publicados, sem que houvesse a possibilidade de uma reflexão sobre o que se publicava, por quê e para quê.” (Brandão, 1998: p.50).

Autores como Edmir Perrotti com *O texto sedutor na literatura infantil*, Laura Sandroni com *De Lobato a Bojunga*, Regina Zilberman e Lígia Cadermatori Magalhães com *Literatura infantil: Autoritarismo e Emancipação* e Marisa Lajolo e Regina Zilberman com *Literatura infantil brasileira: histórias & histórias* traduzem a preocupação com este gênero da literatura.

Segundo Zilberman & Magalhães (1984), o gênero designado por literatura infantil advém do fato da especificidade do leitor que deseja atingir: a criança, justificando ainda sua existência dentro do quadro social com a função de orientar sua formação, o que implicaria:

“...Legitima-se, pois, a opção metodológica voltada à investigação dos processos de recepção do texto infantil, na suposição ainda de que poderá propiciar uma reflexão sobre o caráter ideológico da literatura para crianças

enquanto introdutora de normas do mundo adulto no âmbito da infância, revelando o lugar social do gênero”. (Zilberman & Magalhães, 1984)

A expansão do mercado editorial buscando seduzir o leitor infantil cria um novo interesse pela produção dos livros, a qualidade na impressão, o preparo das capas e as ilustrações consolidam o livro de imagens como podemos exemplificar com a 4ª edição de 1987, do livro *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles, da editora Nova Fronteira e ilustrado por Fernando Correia Dias;

Os anos 80 solidificam instituições e associações especialmente voltadas para a questão da leitura de livros infantis, da literatura infanto-juvenil, agora num movimento de crítica ao mercado editorial, provocando e valorizando uma nova produção cultural de qualidade e menos didática, conforme destaca Zilberman:

:

“...as crianças [...] estão submetidas à escravidão do livro didático, este é autoritário e expressa a ideologia conservadora. Várias instituições e associações criticaram o modelo vigente revelaram suas fraquezas e propuseram alternativas. Como uma delas confundia-se com o aproveitamento da literatura infantil pelo professor em sala de aula e o trabalho pedagógico com leitura, ficaram bastante prestigiadas as que lidavam com aquele gênero: A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), o Centro de Estudos de Literatura Infantil e Juvenil (CELLJU), A Associação de Leitura do Brasil (ALB), entre outras. Estas entidades e outras, oficiais, como o Instituto Nacional do Livro e a Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), adotaram políticas de estímulo à leitura, especialmente do texto literário, concebendo-o como motivador de posicionamento lúcido perante o mundo e favorecedor de habilidades de escrita e reflexão na escola.” (Zilberman, 1998: p. 39)

Por outro lado, o interesse pela obra *Ou isto ou aquilo*, no gênero tese, na década de 80 pode ser explicado pela história da Pós-Graduação no Brasil. Segundo Ferreira (1999), a década de 80 caracteriza-se pela consolidação dos programas de Pós-Graduação no Brasil, adensando-se gradativamente pesquisas em diversos campos do conhecimento, e desde então, buscando-se melhor definição de linhas de pesquisa, maior regularidade com instituições de fomento e associações científicas.

Neste contexto uma quantidade de defesas de dissertações de mestrado e teses de doutorado em diferentes áreas do conhecimento, diversificados interesses e olhares de investigação.

É no interior de toda esta produção acadêmica, dos anos 80 que podem ser encontradas as referências às obras de Cecília Meireles, e especialmente *Ou isto ou aquilo*, conforme dissemos anteriormente

A análise do quadro relativo à década de 90 apresenta modificações importantes tanto na quantidade de artigos quanto na quantidade dos diferentes suportes de textos. Há uma diminuição significativa no total de artigos, **12**, em relação à década de 80 que possui **16** artigos, e igualando-se à década de 70 com **12** artigos.

Dentre estes 12 artigos houve uma pequena diminuição nos textos acadêmicos, de **3** textos da década anterior para **2** textos na década de 90, e surpreendentemente constatamos apenas **2** artigos em livro e o desaparecimento de artigos em revistas e jornais. O que esta década traz de diferente da anterior, é o surgimento de um novo tipo de suporte de texto, o endereço eletrônico da INTERNET, com **8** textos.

O que poderia ter provocado tamanha diferenciação com a década anterior? O que ocasionaria o diminuição dos artigos em suportes de texto mais tradicionais como jornais e revistas? O que poderia significar o aparecimento do computador no processo de produção e leitura de textos?. Poderíamos refletir sobre algumas hipóteses:

A crítica especializada estaria encontrando e analisando uma grande quantidade e variedade de autores de literatura infantil, tanto da década de 80 quanto a de 90, provocando conseqüentemente a diminuição dos estudos sobre a obra infantil de Cecília Meireles, mais especificamente, *Ou isto ou aquilo*. Isto é, o aumento significativo de um conjunto de autores na Literatura Infantil, tanto na prosa quanto na poesia, diluiu a atenção da crítica especializada.

Se na década de 60, poucos autores mobilizaram o escasso interesse da crítica, na década de 90 a grande quantidade de autores distribui-se por diferentes comentários críticos. Há artigos sobre Ziraldo, sobre José Paulo Paes, sobre Roseana Murray e etc.

O mercado editorial estaria direcionando sua produção, e conseqüentemente os artigos críticos também, na direção de autores cujas obras estariam, quase na totalidade, representadas pela literatura infantil, diferentemente de Cecília Meireles, que possui poucas obras destinadas ao público infantil, que podemos destacar no livro de poemas *Ou isto ou aquilo* e a prosa poética *Giroflé, Giroflá*.

Autores conhecidos como exclusivamente de obras infantis, produzem mais e lançam no mercado sempre novos títulos, que acabam por orientar e alimentar uma crítica especializada responsável por divulgar. Assim é que a crítica voltando-se para

os “novos” talentos (autores e obras) atende aos seus interesses: o de divulgar e lançar no mercado obras e autores nem sempre conhecidos pelo público leitor.

Com relação à diminuição dos artigos em jornais e revistas, na década de 90, seriam necessários outros estudos de nossa parte. Uma das explicações pode ser dada a partir da natureza do próprio gênero, o artigo. O acesso do pesquisador a este gênero normalmente publicado em revistas e jornais é muito difícil diante da efemeridade do suporte. Revistas e jornais, muitas vezes, são lidos e nem sempre são arquivados em bancos de dados. Há casos de bibliotecas que recebem alguns números de uma determinada revista e apresentam uma certa lacuna na periodicidade desta revista.

A década de 90, com 8 publicações on-line revela uma certa prática de consulta recente. Além dos informes revelados pela imprensa, os pesquisadores e autores conectados com uma nova rede de divulgação e circulação de informes, coloca à disposição dos leitores, as pesquisas em diferentes endereços.

A facilidade com que o computador permite o trabalho com o texto, ligado à estruturação do mesmo, através de mudanças imediatas que ele permite, as inserções de trabalhos de modo instantâneo e pela facilidade de atingir um público muito maior também poderiam explicar a utilização deste suporte de leitura a partir da década de 90.

Um dos grandes problemas que estes endereços eletrônicos podem trazer aos pesquisadores refere-se à não colocação das datas em que foram editados tais textos e também alguns deles sem autores, podendo apenas supor que foram escritos na década de 90 por causa da presença da INTERNET nesta década.

3.2 – PRODUÇÃO DISTRIBUÍDA EM SUPORTES DE TEXTOS E TEMAS

Uma segunda organização a partir dos dados e informes encontrados buscou aproximá-los e agrupá-los em torno do seguinte critério: suporte de textos e temas por eles tratados.

Em virtude da diversidade de artigos produzidos pela crítica em relação às diversas leituras da obra *Ou isto ou aquilo*, subdividimos este conjunto de textos em grupos e utilizamos **Temas**, como critério de agrupamento desses artigos.

Entendemos **Temas**, como aspectos em torno de uma idéia central defendida pelo autor naquele artigo ou tese (Ferreira, 1999). Aspecto para onde se convergem as preocupações, intenções do autor naquele texto.

Este agrupamento em **Temas** permite uma análise um tanto apurada sobre o conjunto de artigos encontrados, já enunciando alguns possíveis sentidos produzidos pela obra estudada.

Foram identificados **8 Temas**: Leitura na escola, Leitura crítica, Lançamento, Peça de Teatro, Pesquisa Bibliográfica, Ilustração, Tradução e Apropriação da Obra.

Começo por **Leitura na escola** que traz propostas de leituras na escola. São artigos que criticam leituras equivocadas feitas nas escolas por alunos ou por professores, ou ainda, são propostas de leitura que destacam a qualidade literária e artística dos poemas. Nesse agrupamento, os autores propõem a leitura de *Ou isto ou aquilo* como uma leitura legítima e importante para o público escolar.

Um outro tema, o da **Leitura crítica**, concentra em torno dele os artigos que apresentam estudos e reflexões sobre estilo, linguagem, temática, campo semântico e musicalidade dos poemas. São trabalhos de natureza mais reflexiva na discussão da literariedade da obra.

Os artigos dirigidos ao público leitor ligados ao tema **Lançamento** estão ligados à apresentação da obra e da autora ou a novas edições.

O tema **Peças de Teatro** traz artigos que propõem a leitura da obra através de um outro contexto, a encenação teatral.

No grupo denominado pelo tema **Pesquisa Bibliográfica** encontramos textos que fazem o levantamento exaustivo sobre a produção de Cecília Meireles, incluindo a do livro *Ou isto ou aquilo*.

O tema **Ilustração** agrupa artigos e textos que enfocam e analisam as ilustrações que acompanham as diferentes edições dos poemas contidos na obra *Ou isto ou aquilo*.

O artigo colocado sobre o tema **Tradução** está relacionado à tradução de um poema da obra *Ou isto ou aquilo*.

Os textos reunidos no tema **Apropriação da Obra** são artigos que se apropriam dos poemas de *Ou isto ou aquilo* oferecendo uma leitura não comumente prevista, são diretamente relacionadas à linguagem ou temática dos poemas.

Com esta subdivisão pudemos construir um quadro comparativo entre os temas produzidos e os suportes de texto, como podemos ver abaixo:

Fig.3: Quadro de levantamento dos suportes de texto e de temas

Suportes de texto Temas	Artigos / Livros	Artigos / Jornais	Artigos/ Revistas	Textos / Teses	Artigos / Internet	Total
Leitura na escola	7	1	-	-	2	10
Leitura crítica	5	-	4	2	1	12
Lançamento	-	8	1	-	2	11
Peças de Teatro	-	2	-	-	-	2
Pesquisa Bibliográfica	-	-	-	2	-	2
Ilustração	-	-	-	1	1	2
Tradução	-	1	-	-	-	1
Apropriação da Obra	-	-	-	-	2	2
Total	12	12	5	5	8	42

No total de 42 títulos localizados, a maior quantidade (de títulos) foi encontrada em artigos de jornais e em artigos ou capítulos de livros, 12 em cada um. Em segundo lugar foram identificados, 5 artigos em revistas, 5 teses acadêmicas e 8 textos nos endereços eletrônicos da INTERNET. Como poderíamos interpretar estes números? Como explicar que mais da metade de 42 textos estão concentrados em jornais e livros?

Tomando como orientação para leitura, o suporte, iniciamos a leitura do quadro pelos temas encontrados. Referindo-se ao tema **Leitura na escola** encontramos um total de 10 artigos, onde 7 deles referentes ao suporte **livros**: Vânia Maria Resende com *Vivências de Leitura e Expressão Criadora* (1993), Maria Antonieta Antunes Cunha com *Literatura infantil: Teoria e Prática* (1987) e *Como Ensinar Literatura Infantil para os colégios normais* (1970), Lígia Morrone Averbuck com *A Poesia e a Escola* (1986), Vera Teixeira de Aguiar com *Leituras para o 1º Grau: Critérios de*

Seleção e Sugestões (1986), Nelly Novaes Coelho com *Literatura Infantil* (1981) e Marisa Lajolo com *Do Mundo da Leitura Para a Leitura do Mundo* (1993), o que demonstra a relação muito forte do ensino e a literatura e também o mercado cativo dos professores e alunos para este tipo de texto, pois segundo Zilberman & Magalhães:

“...As ascensões respectivas de uma instituição como a escola, de práticas políticas, como a obrigatoriedade do ensino e a filantropia, e de novos campos epistemológicos, como a pedagogia e a psicologia, não apenas estão inter-relacionados, como são uma consequência do novo posto que a família, e respectivamente a criança, adquire na sociedade. É no interior desta moldura que eclode a literatura infantil”. (Zilberman & Magalhães, 1984: p.4)

Apenas 1 artigo apresenta o tema **Leitura na escola** no suporte **jornais**, o de Maria P. Prado (*Diário de Notícias*, 09/06/1974), enquanto que no suporte **endereço eletrônico** encontramos dois: *Projeto Primavera* da professora Dayse Lucid Christ da Penha e *Quem tem medo de cobra?* s/autor da série PALAVRA PUXA PALAVRA Nº 19 (fev. 2000) utilizados respectivamente para a interpretação oral e escrita do texto e o ensino de vocabulário e de pronúncia.

O tema **Leitura crítica** apresenta no suporte **livros**, 5 textos, referindo-se a trabalhos que discutem o estilo, a linguagem poética, os temas dos autores, sempre no contexto do universo infantil como podemos verificar nos artigos e capítulos dos autores: Leodegário A. de Azevedo Filho com *Poesia e Estilo de Cecília Meireles (a pastora de nuvens)* (1970), Marisa Lajolo e Regina Zilberman com *Literatura Infantil Brasileira: Histórias e Histórias* (1984), Regina Zilberman e Lígia Cademartori Magalhães com *Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação* (1984), Antônio Olinto com *A Invenção da Verdade* (1983) e Glória Pondé com *A Arte de Fazer Artes* (1985). Este conjunto de autores representa um grande segmento que se solidifica nos meios intelectuais, a crítica especializada em teorias literárias. Elas contextualizam na história da literatura infantil a escritora Cecília Meireles em relação ao conjunto significativo de obras e autores de literatura infantil, elas ressaltam a qualidade da literária da obra destacando versos e poemas.

Outro suporte são as **revistas**, onde foram encontrados 4 artigos do tema **Leitura crítica**, os textos de Eliana Lúcia M. Yunes, *A Infância na poesia de Cecília Meireles* na “Revista LETRAS” (nº 25, jan. 1976), Moema R. Russomano, *Cecília Meireles e o Mundo Poético Infantil* na revista “Letras de Hoje” (nº 36, jun. 1979),

Irene de Albuquerque, *Saudades de Cecília Meireles* no “Boletim Informativo fnlij” (jan./março 1984) e Lélia Coelho Frota, *Cecília Menina* na revista “Cultura” (ano 5, nº21, abr./jun. 1976) que segundo Bordini (1998) e Brandão (1998), tanto os cursos universitários como os cursos de pós-graduação permitiram o aumento e colocação dos trabalhos sobre literatura infanto-juvenil, em revistas especializadas.

A partir da década de 80, um novo suporte de leitura desponta com uma importância muito grande no meio da crítica especializada, as **teses universitárias**, que compreendem **5** textos, sendo que dois textos referem-se ao tema **Leitura crítica**: *O paralelismo em poesia, ou isto ou aquilo & inéditos* de Sylvia Jorge de Almeida Martins (1980) e *A imagem na poesia de Cecília Meireles* de Maria Elena Santos Araújo (1981).

Apenas **1** artigo ligado ao tema **Leitura crítica** foi encontrado no suporte **endereço eletrônico**, o texto *Vertentes da Poesia Infanto-Juvenil Brasileira* de Maria Zaira Turchi que discorre sobre vários autores, entre eles, Cecília Meireles.

No tema **Lançamento** encontramos **8** artigos no suporte **jornais**: um de autoria de Carlos Drummond de Andrade (*Correio da Manhã*, 10/07/1964) referindo-se ao lançamento da 1ª edição da Ed. Giroflê, em 1964, com 20 poemas, que elogia os poemas pela sua estrutura rítmica, jogos de palavras e até contestando sua especificidade, dirigida à criança, (*Crianças, apenas?*), outro da *Folha de São Paulo* (s/autor, 14/12/1969), relacionado ao lançamento da Editora Melhoramentos de 1969 com 56 poemas, sendo 36 inéditos apresenta a autora, Cecília Meireles, e enaltece a editoração da capa, das ilustrações e natureza artística.

Os outros **6** artigos apresentam o tema **Lançamento** através de pequenos resumos da obra, destinados a apresentar os poemas aos leitores, e enaltecendo o trabalho de Cecília Meireles como a grande poetisa nacionalmente conhecida, compreendem as seguintes edições:

1ªed. da Editora Melhoramentos: José Moutinho (*Folha de São Paulo*, 19/04/1970) e Lélia Coelho Frota (*Correio da Manhã*, 18/01/1970),

2ªed. da Editora Melhoramentos: *Folha da Tarde* (s/autor, 19/12/1972); *Folha de São Paulo* (s/autor, 21/12/1972) e *O Globo* (s/autor, 04/02/1973),

Edição da Editora Civilização Brasileira: Tite de Lemos (*O Globo*, 24/07/1977).

Considerando que estes textos ligados ao tema **Lançamento** tendo como suporte o jornal, podemos dizer que eles se diferenciam quanto ao conteúdo, mas

podem ser aproximados pela intenção de lançar e divulgar um livro editado, o que se evidencia uma importante relação da mídia com o mercado consumidor.

O único artigo em revista refere-se ao tema **Lançamento**, o artigo de Edmir Perrotti, *Leituras do professor* da revista “Nova Escola”(ano II, nº16, out.1987) apresentando o livro *Ou isto ou aquilo* a um público específico, os professores. Poderíamos ter agrupado este artigo no tema **Leitura na escola** mas optamos pelo de **Lançamento** considerando que a intenção explicitada pelo autor no artigo é de apresentar a reedição da obra.

Dois artigos com suporte **endereço eletrônico** ligados a uma instituição, a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), relacionam-se ao tema **Lançamento**, artigos com os pareceres de Elizabeth Vasconcelos e Maria Antonieta Cunha sobre a obra *Ou isto ou aquilo* de Cecília Meireles e demonstrando os dois textos como uma oficialização do valor da obra de Cecília Meireles.

Dois temas são apresentados através de três artigos no suporte **jornais** e apresentam contextos diferenciados. Dois deles referem-se ao tema **Peça de Teatro**, que utilizaram poemas da obra *Ou isto ou aquilo* para encenação de uma peça teatral: *Jornal do Brasil* (s/autor, 02/06/1981) e Flora Sussekind (*Jornal do Brasil*, 26/06/1981) e o último texto, referindo-se ao tema **Tradução**, é uma tradução para a língua francesa de poema infantil de Cecília Meireles que será lançado na França, José Paulo Paes (*Estado de São Paulo*, 04/04/1987).

Dois textos ligados ao tema **Pesquisas Bibliográficas** aparecem nos suportes **teses**: *Estudo crítico da bibliografia sobre Cecília Meireles* de Ana Maria Domingues de Oliveira (1988) e *O Tempo na poesia de Cecília Meireles* de Antônio Rodrigues Belon (1992).

Um texto relacionado ao tema **Ilustração** é apresentado no suporte **teses**: *Poesia Infantil e Ilustração: estudo sobre Ou isto ou aquilo de Cecília Meireles* de Luís Hellmeister Camargo (1998).

Um artigo, da Revista INTELLECTA, Revista Eletrônica dos Alunos de Pós-Graduação do I.E.L./Unicamp: “*O Mosquito Escreve*” de Cecília Meireles: o poema e suas ilustrações de Luís Hellmeister Camargo ligado ao suporte **endereço eletrônico** refere-se ao tema **Ilustração**, que analisa as ilustrações deste poema nas diversas edições de *Ou isto ou aquilo*.

E finalmente dois textos que não apresentam uma crítica à obra *Ou isto ou aquilo*, mas relacionam-se ao tema **Apropriação da Obra** no suporte **endereço**

eletrônico : *O problema da demarcação* de Israel de Alexandria (2001) que fala da dificuldade de demarcar fronteiras, contextualizando um quadro de ESCHER com a leitura do poema *Ou isto ou aquilo* e *Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo... e vivo escolhendo o dia inteiro!* de Elson Rezende que questiona a utilização do código da informática de um modo analítico, associativo e indutivo e não de modo crítico.

Os textos do suporte **endereços eletrônicos** da INTERNET (Bibliografia 1), todos da década de 90, poderia demonstrar uma importante mudança nos meios de informação, modificando-se os suportes de leitura a serem utilizados pela crítica especializada. Podemos perceber a diversificação de temas concentrados em um único suporte

Se fizermos a leitura do **Quadro de levantamento de suportes de texto e temas** de maneira horizontal, isto é, tomando como critério de leitura, a quantidade de artigos encontrados em cada um dos **Temas**, podemos encontrar outros dados.

No tema **Leitura crítica** podemos ver de modo concentrado a quantidade de **12** artigos, distribuídos pelos suportes: livros, revistas, teses e INTERNET.

Em segundo lugar, numa leitura comparativa, o tema **Lançamento** apresenta um conjunto de artigos no total de **11**, em que a maioria dele está concentrada em jornais (8) e os demais na INTERNET e revista.

O tema **Leitura na escola** apresenta 7 artigos em livros, 1 artigo em jornal e 2 artigos na INTERNET. Os demais, uma quantidade muito pequena distribuídos em poucos suportes como os temas **Peça de Teatro** (2) e **Tradução** (1) no suporte de texto jornal, **Pesquisa Bibliográfica** (1) em teses, **Apropriação da Obra** (2) na INTERNET e **Ilustração** com dois artigos, um em teses e outro na INTERNET.

As leituras e análises neste momento de nosso trabalho deverão ser retomadas posteriormente buscando responder como os sentidos produzidos nesta produção crítica sobre a obra de Cecília Meireles dialogam entre si, se opõe, se aproximam ou se distanciam.

Sabemos que estas primeiras considerações feitas, até aqui, são fruto de uma leitura e análise ainda panorâmica, na intenção de situarmos e situar o nosso leitor no levantamento bibliográfico localizado por nós.

4. – ANÁLISE DOS TEXTOS

Este momento de trabalho propusemos a realizar uma leitura mais analítica dos artigos localizados na tentativa de compreender os diversos tipos de leitura e sentidos produzidos por diferentes autores, em diferentes épocas na tentativa de verificar suas semelhanças, diferenças, contradições e aproximações. Para esta análise baseamos nos estudos e reflexões de autores ligados à *História Cultural* como por exemplo Chartier (1996, 2001), Cavallo (1998) e Goulemot (1996).

Na realização deste segundo momento encontramos algumas dificuldades relativas à significativa quantidade de textos e artigos encontrados, impossibilitando uma análise mais qualitativa de todo o material, em virtude de estarmos no limite do prazo determinado para o término desta pesquisa.

A partir destas questões, optamos por três textos que seriam analisados de uma maneira mais aprofundada, textos esses que poderiam representar o universo dos objetivos a serem alcançados nesta pesquisa. Os textos escolhidos foram:

- *Ou isto ou aquilo* – capítulo XVII, do livro *Poesia e Estilo de Cecília Meireles: A pastora de nuvens* de Leodegário A . Azevedo Filho, editado em 1970;
- *Cecília menina* , artigo da Revista *Cultura* de Lélia Coelho Frota, editado em 1976;
- *Vertentes da Poesia Infanto-Juvenil Brasileira*, artigo com endereço eletrônico na Internet de Maria Zaira Turchi, sem data de edição.

A escolha por esses textos com críticas sobre a obra *Ou isto ou aquilo* de Cecília Meireles basearam-se em alguns critérios.

O primeiro deles foi a partir da análise dos textos agrupados em torno de diferentes temas (realizado na primeira análise da pesquisa), buscar aqueles que se encontram agrupados no tema **Leitura Crítica**. Como já dissemos anteriormente, este tema traz textos que analisam criticamente aspectos da obra *Ou isto ou aquilo*, em relação ao estilo, à sua temática, à especificidade de sua linguagem poética. Nessa perspectiva, consideramos que os textos reunidos no tema **Leitura Crítica**,

melhor corresponderiam ao objeto de nossa análise: o de conhecer os sentidos produzidos por uma comunidade de leitores específicos.

Um segundo critério que justifica nossa escolha por esses textos é que no tema **Leitura Crítica** encontra-se a maior quantidade de textos e artigos encontrados.

Outro critério para esta opção, foi o de poder lidar com textos localizados em diferentes suportes, livro, revista e endereço eletrônico, que poderão oferecer uma comparação entre os sentidos produzidos a partir dos suportes de textos, principalmente, no mais novo deles, a Internet, que de acordo com o quadro pesquisado (fig.2) a partir da década de 90, foi o lugar mais utilizado para a divulgação de trabalhos de crítica.

Por último, escolhemos textos divulgados em épocas diferentes. Dois desses foram editados na mesma década, mas em anos diferentes: o do livro em 1970; o da revista em 1976. E o terceiro, o texto eletrônico, embora não trazendo a data da edição, podemos inferir que ele foi colocado na década de 90, período em que o endereço eletrônico foi criado e mais freqüentemente utilizado. Por outro lado, o texto faz parte de um curso promovido pelo Ministério de Cultura (MINC) criado em 1992, reforçando a idéia de que a data da divulgação desse texto se dá a partir dos anos 90.

A opção pelos textos, *Ou isto ou aquilo*, *Cecilia menina* e *Vertentes da Poesia Infanto-Juvenil Brasileira*, que se encontram em um determinado tema escolhido quer pela quantidade, quer pela natureza dos textos que reúne em torno dele, e ainda pelo fato de se inscreverem em três diferentes suportes, tem emergido numa distância no tempo (décadas de 70 e 90), busca possibilitar um estudo comparativo de maior qualidade em relação aos sentidos produzidos por leitores considerados “críticos literários”.

Inicialmente faremos uma análise individual de cada texto centrando nossa atenção na especificidade de cada um deles e em seguida, traçaremos algumas conclusões, em que buscamos estabelecer a relação entre eles com respeito aos sentidos produzidos em nossas leituras.

4.1 - TEXTO 1: *OU ISTO OU AQUILO*

Leodegário A. de Azevedo Filho, professor emérito e titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro, presidente da Academia Brasileira de Filosofia, escreveu diversas obras sobre Filologia, Didática, Crônicas, Traduções, Livros Didáticos e Literatura, que entre outras, compreende o livro *Poesia e Estilo de Cecília Meireles (a pastora de nuvens)*.

Esta obra editada pela Editora e Livraria José Olympio, em 1970, em colaboração com o Fundo Estadual de Cultura, da Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo do Estado de São Paulo recebeu o número 149 referente à Coleção Documentos Brasileiros dirigida naquela oportunidade por Afonso Arinos de Melo Franco.

O livro compreende 19 capítulos onde é estudada a produção poética de Cecília Meireles, sendo que, para nossos estudos, utilizaremos os capítulos I e XVII relativos, respectivamente, à *Introdução geral* e ao *Ou isto ou aquilo* (anexo 1).

No capítulo I, *Introdução geral*, Leodegário nos apresenta sua metodologia para análise da obra de Cecília Meireles:

“Como se vê, ultrapassada está sem dúvida, a fase meramente impressionista, que deixava entregue à pura intuição o exame, - melhor dizendo a impressão, - não raro superficial do fato literário. Não que a intuição não seja um elemento integrante do processo crítico. O que se pretende dizer é que a intuição não é o único elemento desse processo. Além dela, ou além da impressão inicial de uma obra, cabe ao crítico moderno proceder à competente análise literária e estilística da obra de arte. Nesse sentido é que se fala em caráter tridimensional da crítica, partindo-se da impressão inicial para chegar-se à síntese valorativa, através da análise.”
(Azevedo Filho, 1970: p.4)

Nesta transcrição, podemos dizer que Leodegário Azevedo Filho situa sua obra como aquela que vem trazer como contribuição, uma análise crítica tridimensional, aquela que se baseia na impressão primeira que os críticos têm do texto, passando pela análise para chegar numa síntese valorativa. Para Azevedo tal caminho metodológico permite uma análise menos superficial e oferece uma análise mais competente do estilo literário da obra.

Ao buscarmos localizar Leodegário no contexto da historiografia crítica, podemos dizer que ele é um crítico que perpassa tanto os caminhos da crítica

impressionista como da crítica formalista, conforme nos escreve Wilson Martins (1983), em vários trechos na obra *A Crítica Literária no Brasil*. Vol. II:

“... o II Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, cujos Anais publicaram-se em 1963, ano de muitos estudos orientados pelos princípios da análise formal: *A Sextina e a Sextina de Bernardim Ribeiro*, de Jorge de Sena; ...: *O Universo Poético de Raul Pompéia*, de Ledo Ivo; *Tasso da Silveira e seu Universo Poético*, de Leodegário “de Azevedo Filho;...” (Martins, 198: p.698)

“É fácil de perceber que há muito historicismo nesse impressionismo (e vice-versa), assim como não é pouco, necessariamente, o impressionismo da crítica formalista ou “estética”: Leodegário “de Azevedo Filho (*Poesia e Estilo de Cecília Meireles, e Estruturalismo e Crítica de Poesia*); Vicente Ataíde (*Textos para o Estudo Teórico de Poesia*)...” (Martins, 198: p.762)

“FORMALISTA: Leodegário “de Azevedo Filho e outros (*Teoria da Literatura*); Luís Costa Lima (*Estruturalismo e Teoria da Literatura*);...” (Martins, 198: p.774)

“IMPRESSIONISTA: ...João Alexandre Barbosa (*Opus 60*); Leodegário A. de Azevedo Filho (*Três Poetas de Festa: Tasso, Murilo e Cecília*);...” (Martins, 1983: p. 853)

É neste contexto, que se situa o livro de Leodegário, *Poesia e Estilo de Cecília Meireles (a pastora de nuvens)*. Uma obra que é produzida por um crítico que é reconhecido como de uma longa tradição na crítica literária, como aquele que se contrapõe aos modelos literários inspirados no impressionismo para propor uma análise metodológica mais formal, denominada de crítica formalista.

No capítulo XVII, *Ou isto ou aquilo*, Leodegário utiliza para seus estudos a edição de 1964 do livro *Ou isto ou aquilo*, editado em São Paulo pela editora Giroflê S.A. com ilustrações de Maria Bonomi. Entre os poemas do livro de Cecília Meireles foram escolhidos, para análise: *A Bailarina*, *O Último Andar* e *O Cavalinho Branco*.

Leodegário, apoiando-se numa crítica formalista exalta nos poemas de Cecília Meireles o ritmo dos versos, ritmo esse constituído pelas aliterações, repetições de som, que desenha um bailado, o rodopio da bailarina. Nesse caso, a forma sonora oferece uma analogia daquilo que é dito no poema “A Bailarina”:

“...
 Não conhece nem dó nem ré
 Mas sabe ficar na ponta do pé
 Não conhece nem mi nem fá
 mas inclina o corpo para cá e para lá.”
 (Azevedo Filho, 1970: p. 170)

Um aspecto importante apontado pelo autor, neste capítulo é a relação do que se diz nos poemas com a psicologia infantil, mais precisamente com a psicologia genética ou evolutiva. Podemos destacar vários trechos, entre eles:

“... é impressionista a visão que a criança tem do mundo, sem qualquer apelo a critérios lógicos. Da impressão conjunta que invade o campo individual, a criança escolhe o aspecto ou aspectos mais sugestivos, — quer se trate de forma ou cor.” (Azevedo Filho, 1970: p. 171)

Para Leodegário, o processo de criação revelado nos poemas de Cecília Meireles, o de selecionar aspectos, partes de um todo obedece à maneira da criança perceber a realidade. Vejamos:

“... Há simplesmente, uma captação da realidade em partes, e não em sua representação total. E só as partes que a criança vai captando têm valor, ficando o resto sem análise. É capaz, assim, de indicar diferenças entre aspectos de seres ou coisa, mas não chega a indicar semelhanças, por falta de maturidade lógica.” (Azevedo Filho, 1970: p.171)

Considerando a criança como imatura logicamente, incapaz de penetrar o real tal como ele o é, Leodegário vê nos poemas de *Ou isto ou aquilo* uma beleza configurada poeticamente na própria incapacidade da: *“... criança não penetra no sentido transcendental dos versos ”* (Azevedo Filho, 1970: p.173), resultando assim, que tais poemas oferecem um nível de complexidade de leitura para o universo infantil.

Na leitura que Leodegário faz do poema “A Bailarina”, ele destaca que a beleza dos versos está em justamente representar a forma que apreende o universo, o fato de que para a criança, o mundo da natureza é vivo, o animismo.

“... É a fase das perguntas embaraçosas, do monólogo a dois, da fabulação, das comparações imprevisíveis [...] das metáforas surpreendentes e do sonho [...]o animismo não raro predomina.” (Azevedo Filho, 1970: p.172)

Podemos pensar que, Leodegário, de acordo com a Psicologia Genética Piagetiana, grandemente aceita no Brasil, a partir da década de 60, traz para a crítica literária algumas de suas premissas tais como, a concepção do desenvolvimento cognitivo da criança.

Se a princípio podemos pensar que a crítica literária traz como suporte teórico apenas o referencial vindo da História Literária ou de Literatura, a leitura de

Leodegário parece revelar que o campo do conhecimento extrapola um área específica.

O que vemos aqui, é o empréstimo de estudos/reflexões da Psicologia Cognitiva aos estudos literários e mais do que isso, uma análise crítica fortemente orientada pela psicologia, em que a beleza da linguagem poética subordina-se à percepção e sensibilidade da criança conforme seus estágios pré-lógicos e impressionista da criança.

4.2 -TEXTO 2: CECÍLIA MENINA

O artigo *Cecília Menina* da autora, Lélia Coelho Frota, antropóloga, crítica de arte e poeta (em anexo), foi publicado na Revista *Cultura* no ano de 1976, edição número 21, de abril/junho, quinto ano de sua publicação.

Esta revista era uma publicação oficial do antigo Ministério da Educação e Cultura (MEC) tendo como objetivo a divulgação da cultura brasileira, tanto para o território nacional como, principalmente, para o exterior.

A revista compõe-se de artigos que cobrem, na sua maioria, diversos campos da cultura nacional, como podemos verificar na subdivisão do Sumário (anexo 2)

Os artigos referentes à artes plásticas tratam da arte indígena e do trabalho do pintor Volpi, no subtítulo Cultura Geral, há uma apresentação sobre o dicionário Aurélio, no tema Folclore, a cerâmica de Apiaí é focalizada e no tema Literatura são apresentados trabalhos inéditos de Murilo Mendes, como também um estudo sobre a poesia infantil de Cecília Meireles e um artigo sobre o conto brasileiro.

O artigo sobre a poesia infantil de Cecília Meireles denominado de *Cecília Menina*, compreende as páginas 25 a 30 da revista. Na primeira página, de número 25, estão colocados o título do artigo, o nome da autora e uma gravura do retrato de Cecília Meireles, pintado a óleo por Maria Helena Vieira da Silva, como também logo abaixo da gravura uma citação de Cecília Meireles: “*Sob as árvores da infância, altíssimas, passearemos*”.

Tanto o título *Cecília Menina* como a citação já centralizam o tema a ser tratado no artigo, a infância, que pode ser tanto a infância de qualquer criança quanto a infância de Cecília Meireles, infância que ela tematiza em suas obras, como iremos verificar no transcorrer desta análise.

Podemos perceber um outro interesse temático de Cecília Meireles, o folclore, ilustrado nas páginas deste artigo através das gravuras de bonecos da sua coleção de arte popular.

Como se trata de uma revista de divulgação da arte brasileira, antes de tratar da obra poética propriamente dita, Lélia Frota apresenta várias facetas da escritora Cecília Meireles, através de sua obra como poetiza, como pedagoga, como professora do ensino primário, como professora universitária da Universidade do Distrito Federal, e ainda como pessoa totalmente envolvida com questões culturais, tais como Literatura, Crítica Literária e Teatro. Vida e obra se misturam.

A citação sobre as correspondências com o exterior e também suas relações com Gabriel Garcia Marques, Juan Rulfo e Vargas Llosa talvez tenha a finalidade de mostrar a obra de Cecília Meireles no contexto internacional, colocando-a na grande geração de escritores latino-americanos com grande divulgação internacional, como também a tradução de suas obras em várias línguas, aproximando então, o artigo, às finalidades de divulgação da revista.

A produção poética de Cecília Meireles também é consagrada pelos elogios de Carlos Drummond de Andrade e pela comparação com outros autores de literatura, como Guimarães Rosa, enfatizando a qualidade de sua obra ao lado dos grandes de nossa literatura.

Lélia Frota, através de referências das obras escritas por Cecília Meireles para o público infantil, como os poemas de *Ou isto ou aquilo* (1964), a prosa poética de *Giroflê, Giroflá* (1956) e a peça para teatro *O Menino Atrasado*, nos mostra uma das vertentes fundamentais da poética de Cecília Meireles, as recordações de sua infância, a sua solidão e sua rememoração:

“Minha infância de menina sozinha deu-me duas coisas que parecem negativas, e foram sempre positivas para mim: silêncio e solidão. Essa foi sempre a área de minha vida.... Foi ainda nessa área que apareceram um dia os meus próprios livros, que não são mais do que o desenrolar natural de uma vida encantada com todas as coisas, e mergulhada em silêncio e solidão tanto quanto possível.”
(Frota, 1976: p.29)

Outro aspecto importante da obra infantil ceciliana colocado por Frota, diz respeito à transitoriedade da natureza e das coisas (“ubi sunt”) como também ao prazer momentâneo do presente (“carpe diem”) tudo isso sendo passado por sua poesia. Não de uma forma fugaz e sim de rememoração, de mostrar a relação do universo infantil com as verdades esquecidas pelos adultos como a ternura, a imaginação e a magia dos mundos fabulosos.

*“Onde está meu quintal
amarelo e encarnado,
com meninos brincando
de chicote-queimado,
com cigarras nos troncos
e formigas no chão,
e muitas conchas brancas
dentro da minha mão?*

*E Júlia e Maria,
e Amélia, onde estão?*

Onde está meu anel

*E o banquinho quadrado,
E o sabiá na mangueira
E o gato no telhado?*

*_ e a moringa de barro
e o cheiro do alvo pão?
e tua voz, Pedrina,
sobre o meu coração?
Em que altos balanços
Se balançarão?... “*

(Frota, 1976: p. 30)

A constatação da intenção pedagógica e didática da poetisa em seus versos também estão presentes nas análises feitas por Frota dos poemas infantis, como podemos focalizar:

*“A atenta educadora que ela foi durante anos se revela na intenção entrevista em **Na chácara do Chico Bolacha**, ... Ai Cecília procura apontar à criança as carências da dieta de certos meios rurais, para levá-la ao raciocínio de que terá também que variar sua própria alimentação...” (Frota, 1976: p.29)*

Por outro lado, Frota sugere o uso didático dos poemas, a partir de sua leitura, assinalando neles aquilo que considera importante ser enfatizado, quer como material didático nos modos da alfabetizar

*“Com **Ou isto ou aquilo** poder-se-ão fazer mil istos ou aquiloos. A professora primária encontrará nesse livro uma verdadeira cartilha poética, onde a fixação de vogais e consoantes se transformarão num jogo encantado...” (Frota, 1976: p. 28)*

“O ideal seria que os textos que complementassem a alfabetização fossem feitos pelos bons poetas...” (Frota, 1976: p.28)

Quer nas noções de higiene e de boa alimentação

*“...o jovem leitor verá também que, de vez em quando, é preciso mesmo tomar remédio, como dá a entender a **Cantiga para adormecer Lulu**, onde aparece a lombriga abominável...” (Frota, 1976: p.29)*

Se alguns poemas conotam o ensinar à criança sem a perda da beleza da linguagem poética, outros se revelam cheios de humor, do nonsense, conforme destaca Frota:.

*“ **Ou isto ou aquilo** é também um livro repassado de humor. A criança mais arteira dará um risinho ao ler a **Moda da menina trombuda**, ou **Uma palmada bem dada**, tributada a certa manhosa. Há todo um rondó familiar, coisa de mãe para filho, e avó para neto, em mil e uma palavrinhas engraçadas, inventadas,*

todo um nonsense que não há quem tenha deixado de praticar com a sua criança” (Frota, 1976: p. 29)

Um aspecto importante da análise refere-se à nova condição da mulher proposta por Frota onde, através do lirismo, sensualidade, recato, delicadeza e ternura presente na poesia de Cecília.

O artigo falando da obra poética de Cecília Meireles ora a aproxima de grandes autores de nossa literatura nacional, ora a distancia, diferenciando a qualidade de seu trabalho daqueles que produzindo para criança, o fazem de maneira didatizante, infantilizante.

“Não há nenhum didatismo, nenhum adultocentrismo na poesia que Cecília destinou à infância. Há a afinidade do poeta com um seu semelhante, cúmplice e companheiro” (Frota, 1976: p.26)

Podemos dizer também que segundo Frota a produção de Cecília Meireles também se distancia daquela, que configura uma imagem de “poeta nas nuvens, de um poeta do alheamento”. Ela combina realidade, trabalho e participação cotidianas com a linguagem poética que derrama em seus versos.

4.3 - TEXTO 3: VERTENTES DA POESIA INFANTO-JUVENIL BRASILEIRA

O Ministério da Cultura (MINC), através de um de seus órgãos, a Fundação Biblioteca Nacional (FBN), mantêm um projeto denominado Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), criado em 13/05/1992.

O PROLER entre seus diversos projetos, criou o Programa de Formação Continuada “Leitura e Cidadania”, que é segundo o MINC:

“...um projeto de formação continuada para professores e profissionais da leitura e da escrita oferecendo textos de autores nacionais que vêm pensando, pesquisando e escrevendo sobre leitura, escrita e cidadania”.

Sendo um texto de educação continuada à distância, pode ser contatado através da INTERNET com endereço eletrônico: www.proler.bn.br

O Programa de Formação Continuada “Leitura e Cidadania” é composto de dois cursos: Curso I e Curso II. O Curso I, que está diretamente relacionado com esta pesquisa, é composto de 15 textos que segundo o programa:

“...Descreve as formas como a leitura e a escrita se constroem nas sociedades, como elas vão sendo apropriadas pelos leitores/escritores nas instituições escolares” (www.proler.bn.br).

O texto *Vertentes da Poesia Infanto-Juvenil Brasileira* de Maria Zaira Turchi, (anexo 3) professora universitária e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás , é o de nº 09 deste Curso I (Bibliografia 1).

Através deste pequeno histórico podemos observar que o público alvo para este texto compreende, professores ligados ao estudo das letras, escritores e estudantes universitários da área de Humanas mas, devido o alcance do suporte INTERNET, através de computadores, este artigo pode ser acessado por qualquer pessoa que se interesse pelo tema leitura, literatura e escrita.

Devemos no entanto delimitar o sentido do termo “qualquer pessoa”, pois este, devido a necessidade da utilização do computador, compreende apenas uma pequena

porcentagem da população, aquela que possui geralmente maior poder econômico, o que impede então maior divulgação dos cursos propostos.

No início do texto a autora contextualiza a literatura infantil no que diz respeito à compreensão e classificação desta literatura como gênero literário. Em qual categoria poderia incluí-la ?

A autora considera o lírico como predominante na poesia infantil e discorre sobre as mudanças ocorridas com a poesia pós-década de 50. O conservadorismo formal, a pedagogia, deveres cívicos e familiares, que eram temas centrais destas poesias, como nos diz a autora, e como também nos mostra Marisa Lajolo e Regina Zilberman:

“A primeira marca dessa poesia infantil mais recente é o abandono da tradição didática que, por um longo tempo, transformou o poema para crianças em veículo privilegiado de conselhos, ensinamentos e normas. Ao menos seus poetas maiores – Sidônio Muralha, Cecília Meireles e Vinícius de Moraes – parecem ter varrido do horizonte qualquer compromisso antigo com a pedagogia de valores tradicionais.” (Lajolo e Zilberman, 198:, p. 146)

Esta tradição sofreu mudanças radicais através do experimentalismo, da quebra da discursividade, da mudança da perspectiva do adulto para a perspectiva da criança, novas tematizações como o do cotidiano e do folclore nacional.

No texto de Leodegário e no texto de Lélia ao apontarmos a qualidade do texto de Cecília Meireles, eles colocam como aquela que rompe com a tendência didática, adultocêntrica. O que a crítica de Turchi traz explicita esta ruptura.

No artigo *Vertentes da Poesia Infanto-Juvenil Brasileira*, propõe a autora a classificação dos poemas em três modalidades que são exemplificadas com autores:

1-) Poema que se realiza de maneira mais lírica e lúdica através das obras de Cecília Meireles, Roseana Murray e Sérgio Caparelli;

2-) Poema narrativo, que seria uma história contada em versos com rima e ritmo, dos autores Mário Quintana, Tatiana Belinsky, Ângela Lago e Ruth Rocha;

3-) Prosa poética, que se constrói a partir de imagens poéticas, sem estar preso ao verso, através dos autores como Ziraldo e Bartolomeu Campos Queirós.

Durante todo o texto, Turchi trabalha suas concepções através destes autores, sendo que, para nosso trabalho utilizaremos as páginas 2, 3 e 4 do total de 11, páginas essas que falam especificamente de Cecília Meireles e da obra *Ou isto ou aquilo*, colocando-a na classificação de uma autora de produção lírica e lúdica.

No trecho escolhido, faz a autora, uma análise do estilo poético de Cecília Meireles, que compreende o jogo sonoro e visual dos versos, a tematização do cotidiano infantil, o aparecimento de temas folclóricos e a apreensão do mundo existente e do cotidiano do ser pela criança que é poetizado com sensibilidade e inteligência. Utiliza também como pontos de referência para seu estudo dois autores: Ítalo Calvino e Gaston Bachelard.

Na obra *Seis Propostas para o Próximo Milênio*, Calvino busca uma concepção de como a literatura na sua estrutura narrativa deva ser transmitida para as próximas gerações através de conceitos como leveza, rapidez, exatidão, visibilidade e multiplicidade. Maria Turchi relaciona a poética de Cecília Meireles com as propostas de Calvino colocando-a como uma poetiza de estilo moderno que explora na sua literatura todas as possibilidades expressivas, cognoscitivas e imaginárias da língua.

Temas tratados com muita leveza como: velhice, lembranças da infância, ausência do amado e do abandono, mostram o olhar do adulto que procura ver o mundo através da criança. A multiplicidade de significados é transmitida por um conjunto de imagens sonoras e visuais que contemplam o cotidiano infantil através de versos curtos que primam pela rapidez e exatidão o que demonstra a estrutura de uma lírica moderna.

Utilizando no texto uma afirmação de Bachelard, “*a imaginação não é apenas a faculdade de formar imagens da realidade, mas a faculdade de sobre-humanidade*”, Turchi relaciona a capacidade de Cecília Meireles de buscar elementos do imaginário poético com o que preconiza Bachelard nos seus estudos sobre os elementos (terra, ar, fogo e água) como fontes arquetípicas do imaginário poético.

Da obra *Ou isto ou aquilo* Maria Zaira Turchi utiliza vários poemas na sua explanação, como por exemplo: *Ou isto ou aquilo, Moda da Menina Trombuda, As Duas Velhinhas, O Violão e a Viola e Rio na Sombra*.

5 - CONCLUSÃO

Após análise dos três textos especificados, o que podemos dizer sobre a produção de sentidos destas críticas? Existem relações entre elas? diferenças? Seus diferentes suportes influenciam nas análises? Suas épocas constroem sentidos diversos?.

Relacionando com conceitos proferidos por autores da **História Cultural**, vamos buscar algumas possíveis conclusões que podemos perceber após exaustiva pesquisa.

Roger Chartier em *Cultura Escrita, Literatura e História*, nos diz:

"...na tradição da história da literatura, e além da história da literatura, muitos trabalhos sobre os textos esqueceram que estes não existem fora de uma materialidade que lhes dá existência. Esta materialidade geralmente é um objeto, um manuscrito ou um impresso, mas também pode ser uma forma de representação do texto sobre o palco, uma forma de transmissão vinculada às práticas da oralidade: recitar um texto, lê-lo em voz alta, etc. Todos estes elementos materiais, corporais e físicos, pertencem ao processo de produção de sentidos..." (Chartier, 2001, p.31)

As citações acima descritas nos levam a considerar que uma leitura pode produzir diversos sentidos e conseqüentemente diversas interpretações ao considerarmos vários aspectos constituintes do ato de ler. Como elas se diferenciariam? Quais aspectos poderiam provocar estas várias diferenças de sentido?

Um primeiro se revela com relação ao diferente suporte do texto:

"... é preciso considerar que as formas produzem sentido e que um texto se reveste de uma significação e de um estatuto inéditos quando mudam os suportes que o propõem à leitura." (Cavallo e Chartier, 1998: p. 6)

Na análise que fizemos, os textos escolhidos exemplificam os diferentes suportes: *Ou isto ou aquilo* no suporte **livro**, *Cecília menina* em **revista** e *Vertentes da Poesia Infanto-Juvenil Brasileira* em **endereço eletrônico**. Estes suportes diferenciados, como estamos analisando, podem nos levar a algumas considerações.

Apesar dos suportes diferentes, estes textos apresentaram nas leituras críticas feitas pelos seus autores, Leodegário de Azevedo Filho, Lélia Coelho Frota e Maria Zaira Turchi, poucas diferenças. Todos eles parecem ter sido guiados por um público (estudantes de Humanas, professores de Português, estudiosos de Literatura)

semelhante aquele que poderá se interessar por conhecer as qualidades literárias na obra *Ou isto ou aquilo* de Cecília Meireles.

Tanto o texto de Leodegário, *Ou isto ou aquilo*, quanto o de Turchi, *Vertentes da Poesia Infanto-Juvenil Brasileira*, não revelam preocupação dos autores em relação ao suporte que sustenta os textos. Ambos são visualmente densos, sem subtítulos, sem ilustrações, trazendo como tônica de discurso a literariedade da obra de Cecília Meireles. Nesse caso, o texto de Turchi nos causa um certo estranhamento, por ele parecer ter sido simplesmente “transportado” de um suporte impresso para um meio eletrônico.

Queremos dizer com isso, que apesar do texto de Turchi estar no endereço eletrônico, num curso promovido pelo PROLER, ele parece ter sido concebido orientando-se pela condição de produção de um texto a ser divulgado em revistas ou capítulos de livro, na forma impressa, tal qual ao de Leodegário.

Diferentemente o texto de Frota carrega marcas de uma certa preocupação do autor/editor com o suporte que o divulgará. Esse texto traz como os anteriores uma discussão crítica sobre a linguagem poética de Cecília Meireles preocupado em informar um leitor interessado na especificidade da linguagem literária, mas trazendo também (talvez orientado por pensar um texto inscrito em um periódico) outras informações de caráter menos acadêmico, mais “jornalístico”, apresentando a escritora como mulher, cidadã, e envolvida com diferentes atividades culturais.

Uma outra diferença entre o texto de Frota e os anteriores é que ele apresenta marcas talvez produzidas pelos editores da revista, revelando uma preocupação quando intercalam texto com ilustrações, foto, subtítulos, anunciando talvez a idéia de que um leitor esteja menos familiarizado com textos carregados de letras/palavras e frases.

Como vimos anteriormente os vários sentidos produzidos por uma leitura dependem da materialidade dos suportes, que compreendem também o modo como foram editados graficamente:

“ Antes de mais, chama a atenção para as identificações explícitas, que designam e classificam os textos, criando em relação a eles expectativas de leitura, antecipações de compreensão. O mesmo sucede com a indicação do gênero, que aproxima o texto a ler de outros, já lidos, e que aponta ao leitor qual o pré-saber onde inscrevê-lo. E igualmente o caso de indicadores puramente formais ou materiais, por exemplo, o formato e a imagem.”
(Chartier, 1996: p.132)

O texto de Lélia Frota é exemplar neste aspecto, primeiramente a capa da revista apresenta apenas o nome desta, *Cultura*, já delimitando então, o universo a qual a revista circula, sendo “cultura” um termo abrangente ligado às artes em geral. Pelo sumário já se percebe a diversidade de artigos, todos eles divulgando a cultura do país, e no artigo propriamente dito, o nome dele, *Cecília menina*, permite ao leitor antecipar o contexto, que poderia perfazer a infância ou a criança ou principalmente no texto que apresenta aspectos sobre Cecília Meireles.

Marcado pelo suporte, **endereço eletrônico**, o título do texto de Maria Turchi, *Vertentes da Poesia Infanto-Juvenil Brasileira*, pode apresentar-se de maneira direta ao leitor sem oferecer a relação de contigüidade com outros artigos com os quais se relaciona. O texto pode ser lido não como fazendo parte de um curso, como foi a primeira busca feita, por nós, nesta pesquisa.

Entrando pelo site de busca GOOGLE, através do endereço eletrônico www.proler.bn.br/texto09.htm o texto apresenta-se diretamente na tela do computador sem o contexto do qual faz parte. No entanto se ensaiamos outra busca tentando conhecer este contexto maior, teremos que acessar o site do PROLER. Pudemos perceber que trata-se de um curso de formação à distância e, daí saber que o texto de Turchi faz parte deste programa de ensino à distância.

Quanto ao livro de Leodegário, *Poesia e Estilo de Cecília Meireles (a pastora de nuvens)*, o leitor que já conhece a obra cecilianiana, identifica no índice os títulos dos livros de Cecília Meireles. Ele pode assim percorrer esse índice em busca do capítulo de seu interesse, conforme o fizemos no capítulo *Ou isto ou aquilo*. O índice remete o leitor para um gênero mais acadêmico, restringindo-se a um público leitor de professores, estudantes e lingüistas, diferente da revista, por exemplo que trata de um tema mais geral, *Cultura*.

Em síntese, livro e revista são suportes que permitem que o leitor tenha em suas mãos, uma materialidade e uma disposição através de sumários, de possibilidades de escolha daquilo que deseja ler, diversos suportes que podem produzir construções de sentidos diferentes para aqueles que lêem, como tenta mostrar diferentemente do texto de Turchi, que traz na tela todo o texto desvinculado dos demais que fazem parte também do texto, que é o curso.

A divisão em décadas, quando da análise do material, permite identificar se os sentidos captados pelos leitores também podem sofrer modificações ou se novos sentidos podem ser produzidos.

De acordo com Chartier:

*“ Também é verdadeiro que a cultura institucional nos predispõe a uma recepção particular do texto. Poderíamos utilizar aqui o conceito de **horizonte de expectativa** de Jauss e da escola de Constança. Quer dizer que cada época constitui seus modelos e seus códigos narrativos e que no interior de cada momento existem códigos diversos, segundo os grupos culturais “*
(Goulemot, 1996: p.113)

Relacionando dois textos, os de Leodegário e Turchi, podemos notar as diferentes influências recebidas tanto de modelos teóricos de crítica como de conceitos de análise narrativas, enquanto que o de Frota não nos fornece explicitamente influência de algum teoria crítica.

A década de 70, no Brasil, mostra-nos a consolidação de uma vertente da crítica literária, a crítica formalista. Esta crítica desenvolvida a partir da função do *Círculo Lingüístico de Praga* e da *Associação para o Estudo da Linguagem Poética* denominada *Formalismo Russo*, entendia que a investigação da obra literária devia se fixar na própria obra.

Segundo WILSON MARTINS referindo-se ao ano de 1960:

*“ A edições machadianas (e outras que se seguiram ao longo dos anos pelo mesmo modelo), segundo regras mais filológicas do que retóricas ou poéticas, eram um sinal, entre muitos, de que, em matéria de concepções críticas e prática literária correspondente, estávamos entrando na era do formalismo, destinada a consolidar-se triunfalmente na década seguinte: foram desse ano os ensaios sobre Guimarães Rosa publicados na *Revista do Livro* por Augusto de Campos Javier Domingo, ..., o *Pequeno Dicionário de Arte Poética*, de Geir Campos, e o ensaio de Ângela Vaz Leão *Sobre a Estilística de Spitzer*, publicado pela Universidade de Minas Gerais “* (Martins, 1983: p. 682)

O livro sobre crítica poética de Leodegário, está inserido neste momento, pois, segundo o próprio autor, na sua Introdução Geral, vista no texto escolhido para análise, explana ele sua metodologia, que está de acordo com a ótica formalista. Juntamente com esta crítica formalista, o autor também apoia-se em conceitos da Psicologia permitindo uma análise do texto que se fundamenta cientificamente.

O texto de Maria Turchi preocupa-se com a linguagem de Cecília Meireles tomando como critérios de análise, a leveza, a rapidez, a exatidão, a visibilidade e a multiplicidade, como também os diferentes sentidos que estes poemas poderiam estar tratando: a velhice, lembranças da infância e ausência do amado. Ela não enfatiza,

diferentemente dos outros dois textos, a imagem da criança como receptora de seus textos.

Lélia Frota enfatiza na sua análise da linguagem poética, o uso dessa obra literária na escola. Talvez, por considerar que *Ou isto ou aquilo* destina-se a um público, a criança, ela enfatiza na análise, o pedagógico e didático, mostrando um certo utilitarismo intencional que poderia permear a poesia de Cecília Meireles.

Seguindo uma linha mais didática, Maria Turchi propõe uma classificação da obra poética infantil de Cecília Meireles no contexto contemporâneo da poesia brasileira atual. Além desta classificação tenta relacionar os poemas com novos paradigmas de narração, realizando uma junção com as obras do filósofo Bachelard e do escritor Ítalo Calvino.

De qualquer maneira, os três textos aproximam-se quando tematizam a especificidade da linguagem utilizada por Cecília Meireles em seus poemas. Todos eles legitimados pela “crítica literária” traçam marcas, aspectos, características que validam, reforçam, ressaltam a qualidade da obra de Cecília Meireles.

Os autores dos três textos, Leodegário, Lélia Frota e Maria Turchi, elegem a criança como ponto central na análise dos poemas e podemos perceber que neste caso não existem tantas diferenças de sentidos que possam estar sendo produzidos quando investigamos os vários discursos proferidos pelos autores.

Para Leodegário, os poemas são escritos para as crianças, mas questiona a capacidade delas em perceber significados ocultos por baixo da leveza dos poemas. E isto mostraria que apenas os adultos poderiam entender significados outros permitindo então uma dupla interpretação dos poemas, a interpretação da criança e do adulto. Ressaltando a qualidade da linguagem de Cecília Meireles, ele coloca que as obras poéticas não tem um público único, fixo.

Lélia Frota desloca a imagem da criança para um plano mais secundário e enfatiza a figura do adulto, que através das imagens da infância e de sua ingenuidade trabalha mais no sentido de rememoração de tempos passados.

Após a descrição dos vários aspectos relacionados às variadas interpretações podemos concluir que a leitura de uma obra pode produzir diversos sentidos.

Estes sentidos diversos estão relacionados à materialidade do suporte, às marcas deixadas no projeto editorial, pelo editor/ilustrador; à figura do leitor, situação sócio-econômico e cultural, seu pré-saber, sua motivação para a leitura, e ao

autor, aquele que ocupa um lugar em uma comunidade específica de interpretação, à época em que a obra foi produzida.

Sentidos se opõem, mostrando então a instabilidade dos sentidos, dos objetos e de suas práticas.

BIBLIOGRAFIA - 1**Bibliografia crítica sobre o livro *Ou isto ou aquilo* de Cecília Meireles****Livros**

AGUIAR, Vera T. *Leituras para o 1º grau: critérios de seleção e sugestões*. In: ZILBERMAN, R. (org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1986, p. 97-99

AVERBUCK, Lígia M. *A poesia e a escola*. In: ZILBERMAN, R (org.) *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1986 p. 80-81.

AZEVEDO FILHO, Leodegário. *Poesia e estilo de Cecília Meireles: A pastora de nuvens*, Rio de Janeiro, José Olímpio, 1970, p.170-174.

COELHO, Nelly N. *Literatura Infantil*. S.Paulo, Ática, 1981, p. 213 –217.

CUNHA, Maria A.A. *Como ensinar Lit.Infantil em colégios normais*, Belo Horizonte, Bernardo Álvares, 1970, p. 71-79.

_____. *Literatura Infantil: teoria & prática*. 6ªed. São Paulo, Ática,1987, p. 49-50, 98-107.

LAJOLO, Marisa. *Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*, São Paulo, Ática, 1993, p. 45-51.

LAJOLO, M. & ZILBERMAN, R. *Literatura Infantil Brasileira: História & História*, São Paulo, Ática,1984, p.152.

OLINTO, Antônio. *A invenção da verdade*, Rio de Janeiro, Nórdica, 1983 p. 217 – 221.

PONDÉ, Glória M.F. *A Arte de fazer artes*. Rio de Janeiro, Nórdica, 1985 p.190 - 195.

RESENDE, Vânia. *Lit. Inf. & Juv. : vivência de leituras e expressão criativa*. São Paulo, Saraiva, 1993, p.134, 135, 138.

ZILBERMAN, Regina e MAGALHÃES, Lígia Cademartori. *Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação*, São Paulo, Ática, 1984, p. 32-37.

Periódicos: Jornais

ANDRADE, Carlos D. *Ou Isto ou Aquilo*. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 10/07/64.

Cecília Meireles: é tempo de poesia. Fôlha da Tarde., São Paulo, 19/12/72.

FROTA, Lélia Coelho. *Cecília está inteira em ou isto ou aquilo & inéditos*. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 18/01/1970.

LEMOS, Tite de. *Bom bonito, barato. Todos os livros deviam ser assim*. O Globo, Rio de Janeiro, 24/07/77.

MOUTINHO, José G.N. *Cecília Meireles & outros poetas*. Fôlha de São Paulo, São Paulo, 19/04/70.

Ou Isto ou Aquilo: Hombu se inspira em Cecília Meireles para um novo teatro infantil. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 02/06/81.

Ou Isto ou Aquilo & inéditos (nota sobre o lançamento). Fôlha de São Paulo, São Paulo, 21/12/72.

PAES, José P. "*Para francês ler*". O Estado de São Paulo, (Suplemento Cultura), São Paulo, nº 355, ano VII, pág.7.04/04/87.

Poema para criança ou para a criança que brinca em nós. O Globo, Rio de Janeiro, 04/02/73.

Poesias inéditas de Cecília Meireles. Fôlha de São Paulo, São Paulo, 14/12/69.

PRADO, Maria D. *Bilhete a Cecília Meireles*. Diário de Notícias, Porto Alegre 09/06/74 .

SUSSEKIND, Flora. *Ou uma xícara de porcelana ou a bola do Raul*. Jornal do Brasil, (Caderno B) Rio de Janeiro, 26/06/81.

Periódicos : Revistas

ALBUQUERQUE, Irene de. *Saudades de Cecília Meireles*. Boletim Informativo da F.N.L.I.J., 16 (66): 14-22 jan/mar/1984.

FROTA, Lélia Coelho. *Cecília menina*. Cultura Brasília, 5 (21) 25-30 abr/jun. 1976 (FE)

PERROTTI, Edmir. *Poesias de Cecília; Ou Isto ou Aquilo*. Nova Escola, São Paulo, Abril Cultural, ano II, nº 16, out.1987.

RUSSOMANO, Moema. *Cecília Meireles e o mundo poético infantil*. Letras de Hoje, Porto Alegre (36) 90 - 110 jun 1979.

YUNES, Eliana Lúcia M. *A infância na poesia de Cecília Meireles*. Revista Letras, Curitiba (25) 103 - 120 julho 1976.

Teses

ARAÚJO, Maria Elena Santos. *A imagem na poesia de Cecília Meireles*. Porto Alegre, Tese de Mestrado/ PUCRS - RS, 1981.

CAMARGO, Luís Hellmeister. *Poesia Infantil e Ilustração: estudo sobre Ou isto ou aquilo de Cecília Meireles*. Campinas, Tese de Mestrado/Unicamp 1998.

MARTINS, Sylvia Jorge de Almeida. *O paralelismo em poesia, ou isto ou aquilo & inéditos*. Tese de Mestrado/UNESP/IBLCE, 1980.

OLIVEIRA, Ana Maria Domingues de. *Estudo crítico da bibliografia sobre Cecília Meireles*. Campinas, Tese de Mestrado/Unicamp, 1988.

Endereços Eletrônicos

ALEXANDRIA, Israel. *O problema da demarcação* (2001)
[http:// www.e-net.com.br/user/farol/imagens/classic/039ic.htm](http://www.e-net.com.br/user/farol/imagens/classic/039ic.htm)

CAMARGO, Luís Hellmeister. *“O Mosquito Escreve” de Cecília Meireles: o poema e suas ilustrações*. Intellecta, Revista dos Alunos de Pós-Graduação IEL/UNICAMP.
[http:// www.geocities.com/CollegePark/Lab/9027/n1luis.html](http://www.geocities.com/CollegePark/Lab/9027/n1luis.html)

PENHA, Dayse Lucid Christ da. *Projeto Primavera*. Domingos Martins, ES, Escola de 1º e 2º graus “Teófilo Paulino”
[http:// www.proinfo.es.gov.br/ntevitoria/Teofilo/primavera/primavera.htm](http://www.proinfo.es.gov.br/ntevitoria/Teofilo/primavera/primavera.htm)

“Quem tem medo de cobra”. (s/data) . Palavra Puxa Palavra nº 19.
[http:// www.rio.rj.gov.br/multirio/apoio/palavra/puxa/_apoio_ficha19.html](http://www.rio.rj.gov.br/multirio/apoio/palavra/puxa/_apoio_ficha19.html)

REZENDE, Elson. *Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo... e vivo escolhendo o dia inteiro!*. (s/data)

[http:// www.elsonrezende.hpg.com.br/socialpol/metade.htm](http://www.elsonrezende.hpg.com.br/socialpol/metade.htm)

TURCHI, Maria Zaira. *Vertentes da Poesia Infanto-Juvenil Brasileira*. (s/data)

[http:// www.proler.bn.br/texto09.htm](http://www.proler.bn.br/texto09.htm)

VASCONCELOS, Elizabeth. *Ou isto ou aquilo* (s/data). Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

[http:// www.fnlij.org.br/livros/ou_isto_ou_aquilo.htm](http://www.fnlij.org.br/livros/ou_isto_ou_aquilo.htm)

CUNHA, Maria A . *Ou isto ou aquilo* (s/data). Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

[http:// www.fnlij.org.br/livros/ou_isto_ou_aquilo.htm](http://www.fnlij.org.br/livros/ou_isto_ou_aquilo.htm)

BIBLIOGRAFIA – 2

Bibliografia sobre a Produção poética de Cecília Meireles

ATALA, Fuad. *O Mundo de Cecília, Depoimento de seu marido Heitor Grillo*, Rio de Janeiro, Suplemento Cultural, (1), 1971.

BELON, Antônio Rodrigues. *O Tempo na poesia de Cecília Meireles*. T/UNESP/IBLCE, 1992.

CANIZAL, Eduardo Peñuela. *A Poesia de Cecília Meireles*. In: Revista de Letras. Vol. 8/9 F.F.C.L., Assis, 1966.

DAMASCENO, Darcy. *Poemas escritos na Índia*, Rio de Janeiro, Jornal do Comércio, 28/07/62.

DUARTE, Maria Helena. *A Obra de Cecília Meireles e o Projeto Modernista*. Revista de Cultura Vozes, nº 66, Rio de Janeiro, 1972.

FERREIRA, David Mourão. *Motivos e Temas na Poesia de Cecília Meireles*. In Humboldt, 14, Revista para o mundo Luso-Brasileiro, Editora Ubersee-Verlan, Hamburgo, Alemanha.

OLINTO, Antônio. *As Canções de C. M.*. In: O Globo, Rio de Janeiro, 27/04/54.

PELOSO, Lima Tamega de. *Cecília Meireles e “Solombra”. A Cintilação do Extase Místico*. Belo Horizonte, Suplemento Literário de Minas, 20/02/83.

RAMEN, Cléa. *Cecília Meireles: Viagem e Solombra. Uma Análise Lingüística*. Revista Brasileira de Lingüística 9, 23 nº 1, ano III, vol. 4, Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1977.

RIBEIRO, Júlio Cleodes M.P.. *Cecília Meireles ou a proximidade essencial das coisas*. In: Crhonos, 5, 1973.

SCHMITD, Zélia Mara Scarapari. *Pequena Poética de Cecília Meireles*. In: Estudos Brasileiros, Curitiba, 08/11/79.

STRANO, Antônio. *Uma Ode à Liberdade (Cânticos)*. Belo Horizonte, Suplemento Literário de Minas, 16/01/82.

VALLE, Mercedes Ia. *A impregnação de Roma em Cecília Meireles*. Belo Horizonte, Suplemento Literário de Minas, 01/01/77.

BIBLIOGRAFIA - 3

Referências Bibliográficas

ABREU, Márcia (org.). *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

ARROYO, Leonardo. *Literatura Infantil Brasileira*. São Paulo, Melhoramentos, 1990.

BORDINI, Maria da Glória. *A Literatura Infantil nos anos 80*. In: SERRA, Elizabeth D' Serra (org.). *30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras*. Campinas (SP), Mercado de Letras, 1998.

BRANDÃO, Ana Lúcia. *A Literatura Infantil dos anos 80*. In: SERRA, Elizabeth D' Serra (org.). *30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras*. Campinas (SP), Mercado de Letras, 1998.

CAVALLO, Guglielmo e CHARTIER, Roger. *História da Leitura no Mundo Ocidental*. São Paulo, Ática, vol. 1 e 2, 1998.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro, Bertrand, 1996.

_____ *Cultura Escrita, Literatura e História*. Porto Alegre, Artmed, 2001.

_____ (org.). *Práticas de Leitura*. São Paulo, Estação Liberdade, 1996.

COELHO, Nelly Novaes. *Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil*. São Paulo, Ática, 1991.

DARNTON, Robert. *História da Leitura* in BURKE, P. (org.) *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo, UNESP, 1992.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. *Pesquisa em leitura: Um estudo dos resumos de dissertação de mestrado e teses de doutorado defendidas no Brasil, de 1980 a 1995*. Campinas (SP), T/Unicamp, 1999.

GOULEMOT, Jean Marie. *Da Leitura como produção de sentidos*. In: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas de Leitura*. São Paulo, Estação Liberdade, 1996.

LAJOLO, Marisa. *Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*, São Paulo, Ática, 1993, p. 45-51.

- _____ *A Formação da Leitura no Brasil*. São Paulo, Ática, 1997.
- _____ *Literatura: Leitores e Leitura*, São Paulo, Moderna, 2001.
- MEIRELES, Cecília. *Obras poéticas*. Rio de Janeiro, Nona Aguilar, 1987.
- _____ *Problemas da Literatura Infantil*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
- OLIVEIRA, Ana Maria Domingues de. *Estudo crítico da bibliografia sobre Cecília Meireles*. Campinas, T/Unicamp, 1988.
- SANDRONI, Laura. *De Lobato à Década de 1970*. In: SERRA, Elizabeth D' Serra (org.). *30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras*. Campinas (SP), Mercado de Letras, 1998.
- SERRA, Elizabeth D' Serra (org.). *30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras*. Campinas (SP), Mercado de Letras, 1998.
- ZILBERMAN, Regina e MAGALHÃES, Lígia Cademartori. *Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação*, São Paulo, Ática, 1984, p. 32-37.
- ZILBERMAN, Regina. *A Leitura e o Ensino da Literatura*. São Paulo, Contexto, 1998.
- _____ *A Literatura Infantil na Escola*. São Paulo, Global, 1987.
- _____ *Estética da Recepção e História da Literatura*. São Paulo, Ática, 1989.

ANEXO - 1

TEXTO: *OU ISTO OU AQUILO*

AUTOR: LEODEGÁRIO A. AZEVEDO FILHO



CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA
FUNDO ESTADUAL DE CULTURA

Este livro foi editado em colaboração com o Fundo Estadual de Cultura, da Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo do Estado de São Paulo, sendo Governador do Estado o Dr. Roberto Costa de Abreu Sodré, Secretário de Estado o Dr. Paulo Pestana, Presidente do Fundo o Dr. Péricles Eugênio da Silva Ramos, e membros do mesmo Fundo os Srs. Alfredo Mesquita, Cyro José Monteiro Brisolla, João Barata Simões e Osmar Pimentel.



GUANABARA: Rua Marquês de Olinda, 12, RIO DE JANEIRO
SÃO PAULO: Rua dos Gusmões, 100, SÃO PAULO
MINAS GERAIS: Rua Januária, 258, BELO HORIZONTE
PERNAMBUCO: Avenida Visconde de Suassuna, 562, RECIFE
RIO GRANDE DO SUL: Rua dos Andradas, 717, PORTO ALEGRE
DISTRITO FEDERAL: S.Q. Sul, 311 - Bloco "A", - Loja 29, BRASÍLIA
BAHIA: Rua Gustavo dos Santos, 10, SALVADOR
PARANA: Rua Monsenhor Celso, 272, CURITIBA

1970

COLEÇÃO
DOCUMENTOS BRASILEIROS

DIRIGIDA POR AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO

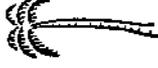
149

LEDEGÁRIO A. DE AZEVEDO FILHO

POESIA E ESTILO
DE

CECÍLIA MEIRELES

(a pastora de nuvens)



1970

LIVRARIA
JOSÉ OLYMPIO
EDITORA
rio de janeiro

Impt

*Manuscrito original
1970-2-27*

OBRAS DO AUTOR

- a) *Filologia e Literatura*
1. *Alguns Problemas do Idioma*. Rio de Janeiro, Gráfica Carioca, 1953.
 2. *A Poética de Anchieta*. Rio de Janeiro, Gráfica Carioca, 1962.
 3. *O Verso Decassílabo em Português*. Rio de Janeiro, Gráfica Carioca, 1962.
 4. *Tasso da Silveira e seu Universo Poético*. Rio de Janeiro, Editora do Professor, 1963. (Prêmio Sívio Romero, de Crítica Literária, conferido pela Academia Brasileira de Letras, em 1965).
 5. *Anchieta, a Idade Média e o Barroco*. Rio de Janeiro, Edições Gernasa, 1966. (Prêmio José Veríssimo, de Ensaio e Erudição, conferido pela Academia Brasileira de Letras, em 1966).
 6. *Introdução ao Estudo da Nova Crítica no Brasil*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1964.
 7. *Gramática Básica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1968.
 8. *Murilo Araújo e o Modernismo*. Rio de Janeiro, Edições Gernasa, 1967.
 9. *As Unidades Melódicas da Frase*. Rio de Janeiro, Editora do Professor, 1964.
 10. *Estruturalismo e Crítica da Poesia*. Rio de Janeiro, Edições Gernasa, 1970. (Prêmio Banco Regional de Brasília, conferido no IV Encontro Nacional de Escritores em 1969).
- b) *Didática*
1. *Guia da Leitura*. Rio de Janeiro, 1953.
 2. *Planejamento Didático*. Rio de Janeiro, C.A.D.E.S., 1963.
 3. *Didática Especial de Português*. Rio de Janeiro, Editora Conquista, 1958.
 4. *Didática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, C.A.D.E.S., 1960.
 5. *Métodos e Processos do Ensino da Leitura e da Escrita*. Rio de Janeiro, Editora Conquista, 1961.
 6. *A Motivação e a Orientação da Aprendizagem no Ensino da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, C.A.D.E.S., 1963. (Prêmio V Concurso do Dia do Professor com direito a estágio no Centro Internacional de Estudos Pedagógicos, realizado em 1961.)
- c) *Crônica*
- O Pente Branco*. Rio de Janeiro, Gráfica Carioca, 1962.
- d) *Tradução*
- Educação da Infância Abandonada*. Rio de Janeiro, Editora Conquista, 1956.
- e) *Livros Didáticos*
- Compendio Didático de Português* (em colaboração). Rio de Janeiro, Edições Gernasa, várias edições. — *Contos e Crônicas para o Curso Secundário*. Rio de Janeiro, Edições Gernasa, 1969.

ÍNDICE

CAPÍTULO	PÁGINA
I — Introdução geral	3
II — Aspectos da vida e da obra	8
III — O grupo de Festa	17
IV — A fase poética inicial	23
V — Viagem no tempo fugaz	33
VI — Ouvindo vaga música	49
VII — Navegando no mar absoluto	64
VIII — Contornos do retrato natural	84
IX — Amor em Leonoreta e o sentido absoluto da noite nos doze Noturnos da Holanda	96
X — O mito do aeronauta	108
XI — Lendo o romanceiro da Inconfidência	114
XII — No Pequeno Oratório de Santa Clara. Canções	124
XIII — Romance de Santa Cecília. Pistóia e poemas inéditos	133
XIV — A poesia do Metal Rosicler	139
XV — Os poemas escritos na Índia	152
XVI — O mundo de silêncio em Solombra	159
XVII — Ou isto ou aquilo	170
XVIII — Um livro póstumo	175
XIX — Valoração estética final	179
Bibliografia	197

*Põe no cabelo uma estrêla e um véu
e diz que caiu do céu.*

*Esta menina
tão pequenina
quer ser bailarina.
Mas depois esquece todas as danças
e também quer dormir como as outras crianças.*

O ritmo dos versos, sugerindo passos de bailado, as alterações (roda, roda, roda) exprimindo movimento de rodopio, a inocência infantil (põe no cabelo uma estrêla e um véu / e diz que caiu do céu), infantil e poética, o cansaço e o sono da menina, tudo isso exprime a ternura e o encanto do poema, feito para criança, mas que o adulto lê também.

No livro, a poetisa soube tirar efeitos estéticos de alto poder sugestivo, bascando-se na própria psicologia infantil. A idade pré-lógica, o mundo de fabulação e fantasia, o realismo intelectual, a visão impressionista da criança, tudo isso se presta para a poetização de temas infantis. Educadora, e mãe, mulher de fina sensibilidade, não admira que lograsse uma realização estética surpreendente nos poemas de *Ou Isto ou Aquilo*. Antes de tudo, a visão subjetiva da realidade, pois é impressionista a visão que a criança tem do mundo, sem qualquer apêlo a critérios lógicos. Da impressão conjunta que invade o campo visual, a criança escolhe o aspecto ou aspectos mais sugestivos, — quer se trate de forma ou de côr, — reforçando os dados escolhidos, em sacrifício do restante. Há, simplesmente, uma captação da realidade em partes, e não em sua representação total. E só as partes que a criança vai captando têm valor, ficando o resto sem análise. É capaz, assim, de indicar diferenças entre aspectos de seres ou coisas, mas não chega a indicar semelhanças, por falta de maturidade lógica. Tais

CAPÍTULO XVII

OU ISTO OU AQUILO

Além de *Solombra*, Cecília Meireles escreveu: *Ou Isto ou Aquilo*, (70) livro de poemas para a infância. Poemas para a infância, que o adulto lê enternecido, numa edição de original apresentação gráfica. Eis um dos poemas:

A BAILARINA

*Esta menina
tão pequenina
quer ser bailarina.*

*Não conhece nem dó nem ré
mas sabe ficar na ponta do pé.*

*Não conhece nem mi nem fá
mas inclina o corpo para cá e para lá.*

*Não conhece nem lá nem si,
mas fecha os olhos e sorri.*

*Roda, roda, roda com os bracinhos no ar
e não fica tonta nem sai do lugar.*

(70) Cf. Cecília Meireles. *Ou Isto ou Aquilo* (com ilustração de Maria Bonomi). São Paulo, Editora Giroflé S.A., 1964.

dados, fornecidos pela psicologia genética ou evolutiva, explicam a recriação subjetiva das impressões recebidas do mundo exterior. É a fase das perguntas embaraçosas, do monólogo a dois, da fabulação, das comparações imprevisíveis, — e, por isso mesmo, poéticas, — das metáforas surpreendentes e do sonho, transfigurado na visão subjetiva da realidade. O animismo, não raro, predomina. Nem consegue, por vezes, distinguir o sinal da coisa significada. Tal o mundo da criança, que não se afasta, em certo sentido, do próprio mundo dos poetas.

Escrever para crianças, por conseguinte, exige uma qualidade: ser poeta. Essa qualidade Cecília Meireles a tinha, antes de tudo o mais. Daí o encantamento dos poemas de *Ou Isto ou Aquilo*:

O ÚLTIMO ANDAR

No último andar é mais bonito:
do último andar se vê o mar.
É lá que eu quero morar.

O último andar é muito mais longe:
custa-se muito a chegar.
Mas é lá que eu quero morar.

Todo o céu fica a noite inteira
sobre o último andar.
É lá que eu quero morar.

Quando faz lua, no terraço
fica todo o luar.
É lá que eu quero morar.

Os passarinhos lá se escondem,
para ninguém os maltratar:
no último andar.

*De lá se avista o mundo inteiro:
tudo parece perto, no ar.*

É lá que eu quero morar:

no último andar.

Por certo, não penetrará a criança no sentido transcendente dos versos. Mas quem, sendo criança, não gosta do último andar, de onde se vê tudo, inclusive o céu...

Em linguagem poética necessariamente plurilinear, os poemas comportam sempre mais de uma interpretação. Servem para a criança, e trazem mensagem poética para o adulto. Somente a arte extraordinária de Cecília Meireles poderia conseguir, com efeito, milagres de beleza como este:

O CAVALINHO BRANCO

*A tarde, o cavalelho branco
está muito cansado:*

*mas há um pedacinho do campo
onde é sempre feriado.*

*O cavalo sacode a crina
loura e comprida*

*e nas verdes ervas atira
sua branca vida.*

*Seu relincho estremece as raízes
e êle ensina aos ventos*

*a alegria de sentir livres
seus movimentos.*

*Trabalhou todo o dia tanto!
desde a madrugada!*

*Descansa entre as flôres, cavallinho branco,
de crina dourada!*

Da própria visão predominantemente impressionista da realidade, que a sua poesia para adultos reflete, nasceram os poemas para a infância, mais uma vez comprovando-se a tese de que a linguagem dos poetas, não raro, se identifica com a própria linguagem das crianças. Com efeito, os traços que revelam visão expressionista em seus poemas são raros e episódicos, predominando sempre o impressionismo em sua cosmovisão poética. Daí a beleza natural de sua poesia para a infância, sempre encarando o mundo com olhos virginais.

CAPÍTULO XVIII

UM LIVRO PÓSTUMO

A Livraria José Olympio Editôra, no ano do IV Centenário de Fundação da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, e do Centenário de *Iracema*, publicou um livro póstumo, mas inacabado, de Cecília Meireles. Outros volumes de poesia, aliás, ainda estão inéditos, entre eles os seguintes: *Sonhos*; *Morena*, *Pena de Amor* (populário); e *O Estudante Empírico e mais 450 poemas*. E isso sem considerar o que deixou inédito em prosa, peças para o teatro e traduções, tudo à espera de editor.

Na orelha do livro póstumo, que é a *Crônica Trovada da Cidade de San Sebastião* — no quarto Centenário da sua Fundação pelo Capitam-Mor Estaciq de Saa — escreve Wilson Lousada: “Elaborados com aquela severa disciplina intelectual a que sempre se submeteu Cecília Meireles, inclusivo no aspecto da pesquisa objetiva em fontes históricas, em que o documento precedeu sempre a liberdade da inspiração, os versos desta *Crônica* também foram, pode dizer-se, nascidos em comunhão com o sofrimento. Mas nem isso nem o fato de se destinarem a um fim específico, a um objetivo preliminarmente delineado no tempo e no espaço, dêles retiraram aquela constante na poesia de Cecília Meireles que é a plasticidade e a fluidez da linguagem

ANEXO - 2

TEXTO: *CECÍLIA MENINA*

AUTORA: LÉLIA COELHO FROTA

Sumário



Publicação oficial do
Ministério da Educação e Cultura
Departamento de
Documentação e Divulgação
Esplanada dos Ministérios
Bloco L – Brasília – DF – Brasil

Equipe responsável: Mozart
Baptista Bemquerer – Diretor-Geral do
Departamento de Documentação e Divulgação,
Elba Maria Gomes Lontra, Gelma Barreto
Vieira, José Lopes da Silva, Norma Marquez
de Souza Eleutério, Waldir Félix Ayala.
Arte: Darlan Manoel Rosa, Carlos Guilherme
Rosa Batista e Reginaldo Jorge da Silva.
Fotos: Rivaldo G. Leite – capa e p. 4-16,
103 (foto 21); Raul Lima – p. 25-78;
Sebastião Barbosa – p. 90-104.
Ilustrações: Carlos Guilherme Rosa
Batista – p. 66-70; Darlan Manoel
Rosa – p. 106-120.
Consultor: Heráclio Salles.
Capa: óleo, Volpi.

Edição especial. Em circulação simultânea,
edição regular em papel *offset*.

Impressão: Minas Gráfica
Editora Ltda. – Belo Horizonte – MG

Publicidade: Armando Amorim
Publicidade

Assinatura por dois anos – Cr\$ 240,00
Exterior – US\$ 48
Número avulso – Cr\$ 30,00
Exterior – US\$ 6

ARTES PLÁSTICAS

Arte indígena e classificações primitivas
Maria Heloísa Fénelon Costa 72

Oitenta anos com Volpi
Waldir Ayala 4

CULTURA GERAL

Na oficina vocabular de Mestre Aurélio
José Augusto Guerra 106

CULTURA INTERNACIONAL

A riqueza e o esplendor dos museus de Londres
Charles Spencer 52

FOLCLORE

Cerâmica folclórica utilitária de Apiaí
Haydée Nascimento 42

LITERATURA

Inéditos de Murilo Mendes 88

Cecília menina
Lélia Coelho Frota 25

O novo conto brasileiro
Assis Brasil 66

MUSEU

Museu postal: uma dívida cumprida
Luiz Paulo Horta 32

PANORAMA NACIONAL

As telecomunicações no mundo de hoje
Euclides Quandt de Oliveira 90

Comunicações: uma política brasileira
Carlos Zarur 94

**Reflexões sobre o poder – os sistemas de ensino como
poder social**
Ivan Luz 18

Panorama Cultural/Do noticiário – Nataniel Dantas 121

Summaries – Résumés – Resúmenes 129

CULTURA Brasília Ano 5 n. 21 abr./jun. 1976

Cecília menina

Lélia Coelho Frota



“Sob as árvores da infância, altíssimas, passearemos.”

Não nos surpreende que um dos poetas maiores da língua portuguesa — Cecília Meireles — nos tenha revelado o anverso permanente do cotidiano — o maravilhoso — sem excluir do discurso o retrato natural da sua presença de mulher.

Cecília configurou na sua obra o que é próprio da mulher — o lirismo, a sensualidade, o recato, a delicadeza, a sublinhada ternura — falando da maternidade, do amor, do dia-a-dia da administração de uma casa, com a altura e a singeleza a que a dimensão da sua fala poética invariavelmente conduz. Somente ela, a bela Cecília, de "largos vestidos brilhantes", poderia gravemente dizer-nos, de nossos filhos, que "não sabem ainda os caminhos de voltar, somente os de ir". Só ela é capaz de descobrir, numa casa, que a "cama era uma barca/ o relógio um castelo". Ou de ter ouvido a máquina de lavar roupa "como um tambor fechado. Como um coração antigo".

A consideração transfigurada da contingência se entretece aqui ao magistral tratamento que ela conferiu aos grandes temas do *ubi sunt* e do *carpe diem*, duas grandes vertentes de sua poesia.

Ao escrever para a criança, por exemplo, Cecí-

lia sabe aliar a atenção amorosa da fala que se dirige concretamente ao ouvido menino, à não-discriminação entre o mundo adulto e o mundo infantil, em termos de sensibilidade e inteligência. Não há nenhum didatismo, nenhum adultocentrismo na poesia que Cecília destinou à infância. Há a afinidade do poeta com um seu semelhante, cúmplice e companheiro.

Que imagem diversa do poeta nas nuvens, do alheado, a sua vida oferece! O poeta é o ser mais atento à realidade, o mais próximo do coração dos acontecimentos. Trabalho e participação na vida comunitária foram as constantes da vida dessa mulher criadora e organizadíssima. Professora primária, começou a lecionar mocinha, e nunca mais parou de trabalhar. Desenvolveu, ano após ano, intensa atividade cultural e educativa nos mais diversos setores. Fundou a primeira biblioteca infantil do Rio de Janeiro, chamando o jovem leitor a uma participação real do livro, por meio de recortes, desenhos e comentários. Lecionou Literatura Luso-Brasileira e Técnica e Crítica Literária na UDF. Suas aulas sobre teatro, na Fundação Teatro Dulcina, eram concorridíssimas. Manteve extensa correspon-

Página anterior: retrato de Cecília Meireles, óleo de Maria Helena Vieira da Silva; a seguir, bonecos da coleção de arte popular de Cecília Meireles



dência com escritores latino-americanos, recebendo-os em sua casa quando vinham ao Brasil, antes mesmo de o grande público sonhar com a divulgação de Garcia Marqués, Juan Rulfo, Vargas Llosa. Famosa, acolhia com carinho e muita generosidade todos os jovens escritores ou pretendentes a escritor que a procuravam. Dava ao menininho do curso primário a mesma atenção que dispensava aos chefes de estado, que sabiam a sua poesia de cor. Traduzida para o inglês, francês, hebraico, indústani, flamengo, sueco, russo, espanhol, italiano, húngaro, alemão, realizava inúmeros cursos e conferências pelo Brasil inteiro e ainda encontrava tempo para ministrar aos servidores civis do país lições sobre o seu papel na escrita oficial. Representou o Brasil de maneira notável, em viagens ao exterior, na Índia e nos Estados Unidos. Foi uma assistente social da natureza, temendo por sua destruição, e escrevendo sempre para defendê-la, numa antevisão do grande problema ecológico que constitui hoje a preocupação central de um número crescente de populações.

A biblioteca que organizou tem perto de 15.000 volumes, distribuídos em assuntos brasileiros e portugueses, poesia, religião e folclore. Di-

versas universidades norte-americanas têm-se interessado pela compra dessa biblioteca, conforme nos declarou, em 1970, o viúvo de Cecília, Heitor Grillo, que, antes de falecer, recusou toda e qualquer oferta, para impedir que patrimônio tão valioso saísse do Brasil. O arquivo de Cecília acompanha a biblioteca, e contém, entre outras matérias, as fichas que ela fez para escrever o *Romanceiro da Inconfidência*, e que constituem um resumo do século XVIII, em matéria de pesquisa bibliográfica. A quantidade de obras sobre folclore também justificaria medidas que impedissem a sua dispersão. Ainda mais por se achar acompanhada da grande coleção de objetos de arte popular que ela reuniu em sua casa. Nas viagens pelo interior do Brasil, contou-me Heitor Grillo, na referida data, ela fazia sempre questão de visitar o mercado local e de informar-se do que havia no lugar em matéria de artesanato. Dessa maneira é que foram adquiridos os bonecos, as cerâmicas, os variados objetos que integram a sua coleção etnográfica. Como Gandhi, Cecília também achava que a tradição popular devia ser difundida pelo ensino, para dar à educação um sentido nacional de maior profundidade.



Cecília foi duplamente mestra da arte de viver, pelo real e pelo sobrenatural, pela poesia e pelo cotidiano que ela fixou na superfície clara onde fazia refletir o seu mundo de desprendimento, de vento, de nuvens, de grandes adeuses. E de grandes afetos. Quanta presença, quanta atenção a tudo que a cercava vem informando tudo isso, desde "o grilinho dentro do chão" até o "mar onde as colunas rolam".

Há uma nítida recorrência ao espírito da infância, na sua obra poética e na sua obra em prosa, que as atividades de mãe de família, professora e pedagoga não puerilizaram ou institucionalizaram, antes endossaram, de invenção e afetividade.

Entre os brinquedos de qualquer criança brasileira não podem faltar, por exemplo, o *Auto do menino atrasado* e *Ou isto ou aquilo*. Pois a palavra é coisa tão concreta e pode divertir tantos como a Susie, os blocos coloridos, a cápsula espacial, com a vantagem de constituir organismo vivo e sonoro. Ao ler *Ou isto ou aquilo*, a criança da era "em que ser veloz é ser feliz" poderá sopesar bem a sua escolha entre a realidade da terra e a abstração do espaço, ao mesmo tempo que toma consciência da

limitação humana:

*Quem sobe nos ares não fica no chão
Quem fica no chão não sobe nos ares.
É uma grande pena que não se possa estar ao
mesmo tempo em dois lugares.*

Com *Ou isto ou aquilo* poder-se-ão fazer mil istos ou aquiloos. A professora primária encontrará nesse livro uma verdadeira cartilha poética, onde a fixação de vogais e consoantes se transformará num jogo encantado, como o prova a leitura de tantos poemas: *Rômulo rema*, *Colar de Carolina*, *Procisão de pelúcia*, *A lua é do Raul*, *A égua e a água*.

Como insiste Maria Clara Machado, é pelos sentidos e não pela inteligência que a criança guarda suas primeiras impressões. E que impressão pode ser mais forte, no início da leitura, que o impacto das forças naturais condensadas na poesia?

A criança é instintiva, cósmica, e não precisa de intérprete para a poesia, porque ela já é seu idioma natural. O ideal seria mesmo que os textos que complementassem a alfabetização fossem feitos pelos bons poetas, para que mais tarde as palavras permanecessem sempre para o adulto a alegria



da descoberta do mundo através da sua nomeação.

Ou isto ou aquilo mostra-nos a grande ternura de Cecília pela criança, ternura de maga maior que subiu às alturas do paraíso infantil, a cujo lado tantas vezes passamos extraviados, míopes. Cecília não permite que isso aconteça, pois perfila diante de nós a menina que "tão pequenina/quer ser bailarina./ Não conhece dó nem ré/ mas sabe ficar na ponta do pé."

E o menino azul, que quer um burrinho que saiba conversar e "dizer os nomes dos rios, das montanhas, das flores — de tudo o que aparecer." E a menina que chora "pela borboleta que se foi embora, ora, ora, ora". E o garoto que "não quer asinhas de arame e algodão", "porque todos já sabem que ele é índio e leão".

"Se há uma pessoa que possa", diz ela, em *Giroflê, giroflá*, "a qualquer momento, arrancar da sua infância uma recordação maravilhosa, essa pessoa sou eu". E acrescenta: "Recordo céus estrelados, tempestades, chuva nas flores, frutas maduras, casas fechadas, estátuas, negros, aleijados, bichos, realejos, cores de tapete, bacia de anil, nervuras de tábuas, vidros de remédio, o limo dos tanques, a noite em cima das árvores, o mundo visto através de um prisma de lustre, o encontro com o eco, essa música matinal dos sabiás, lagartixas pelos muros, enterros, borboletas, o carnaval, retratos de álbum, o uivo dos cães, o cheiro doce de goiaba, todos os tipos populares, a pajem que me contava com a maior convicção histórias do saci e da mula-sem-cabeça (que ela conhecia pessoalmente), minha avó que me cantava rimances e me ensinava parlendas..."

Minha infância de menina sozinha deu-me duas coisas que parecem negativas, e foram sempre positivas para mim: silêncio e solidão. Essa foi sempre a área da minha vida. Área mágica, onde os caleidoscópios inventaram os fabulosos mundos geométricos, onde os relógios revelaram o segredo do seu mecanismo, e as bonecas, o jogo do seu olhar..." Continua mais adiante: "Foi ainda nessa área que apareceram um dia os meus próprios livros; que não são mais do que o desenrolar natural de uma vida encantada com todas as coisas, e mergulhada em silêncio e solidão tanto quanto possível."

Ouvindo o *Embalado da menina sozinha*, lembro-me do outro grande escafandrista — como ele próprio se intitulou — das profundidades infantis, que foi Guimarães Rosa, a dizer-me uma vez que ia fazer um manual de brinquedos para meninos quietos, como tinha sido o seu caso. Tanto Cecília como Rosa souberam, no limiar comunicante da infância e da poesia, prolongar para nós, intatos, o mundo de Miguilim e dos pequenos personagens de *Giroflê, giroflá*: Josefina, Pedrinha, Julieta, Paulina, Estrela, Odisséia. Observação de coisas minúsculas, mínimos grandes acontecimentos, no silêncio e na solidão.

Ou isto ou aquilo é também um livro repassado de humor. A criança mais arteira dará um risinho ao ler a *Moda da menina trombuda*, ou *Uma palmada bem dada*, tributada a certa manhosa. Há

todo um rondó familiar, coisa de mãe para filho, e avó para neto, em mil e uma palavrinhas engraçadas, inventadas, todo um *nonsense* que não há quem tenha deixado de praticar com a sua criança.

A atenta educadora que ela foi durante anos se revela na intenção entrevista em *Na chácara do Chico Bolacha*, "que só tem mesmo chuchu/ e um cachorrinho coxo/ chamado Caxambu". Aí Cecília procura apontar à criança as carências da dieta de certos meios rurais, para levá-la ao raciocínio de que terá também que variar a sua própria alimentação, em benefício da saúde. Nada mais distante da prefeção só didática, enjoada, da lição de que a criança foge, porque é antilição. Em *Ou isto ou aquilo*, o jovem leitor verá também que, de vez em quando, é preciso mesmo tomar remédio, como dá a entender a *Cantiga para adormecer Lulu*, onde aparece a lombriga abominável, que foge, tocando bandolim, diante da espingarda do caçador.

A introdução à natureza é outro benefício imediato, que *Ou isto ou aquilo* traz à criança. Parte dos problemas da juventude atual, insistem biólogos e psicólogos, resulta do seu crescimento nos ambientes artificiais da civilização tecnológica.

O ar, a água, o fogo, a planta, o bicho são o universo natural da criança, e ela deve ter oportunidade de freqüentá-lo livremente. Em *Ou isto ou aquilo* encontramos logo um *Leilão de jardim*, onde faz parte dos lances o próprio jardim com flores. Vêm depois o lagarto medroso, a lua do aro azul, a árvore bela como um palácio, o vento que pediu a flor amarela em casamento, a flor da pimenta, as lagoas largas, o mar.

Cecília, disse e escreveu Carlos Drummond de Andrade, foi uma deusa. Só mesmo quem se situa numa perspectiva diferente da nossa consegue, como ela, advertir-nos da brevidade do instante, ensinar-nos a amar tanto as mínimas coisas deste mundo com a previsão permanente da partida, e falar a uma criança sobre viagem tão grave como a da morte.

É por isso que precisamos ver depressa o vestido de Laura, bordado de flores e "borboletas voando num fino bando", pois "as estrelas passam, borboletas, flores/ perdem suas cores". É por isso que geme a pombinha na mata, falam de suas lembranças as duas velhinhas, Mariana e Marina, e há tanta saudade de Maria. É por isso que Cecília subiu ao último andar, porque "tudo parece perto, no ar",

para se despedir. E também porque indaga, prevenindo antiqüíssimamente com o sempre presente tema do *ubi sunt*:

*Onde está meu quintal
amarelo e encarnado,
com meninos brincando
de chicote-queimado,
com cigarras nos troncos
e formigas no chão,
e muitas conchas brancas
dentro da minha mão?*

*E Júlia e Maria,
e Amélia, onde estão?*

*Onde está meu anel
e o banquinho quadrado,
e o sabiá na mangueira
e o gato no telhado?*

*— e a moringa de barro
e o cheiro do alvo pão?
e tua voz, Pedrina,
sobre o meu coração?
Em que altos balanços
se balançarão? ...*



ANEXO - 3

**TEXTO: *VERTENTES DA POESIA INFANTO-JUVENIL
BRASILEIRA***

AUTORA: MARIA ZAIRA TURCHI

VERTENTES DA POESIA INFANTO-JUVENIL BRASILEIRA

Maria Zaira Turchi

A discussão sobre gêneros literários continua desafiando a teoria literária no que se refere à compreensão e classificação de obras de literatura para crianças com suas peculiaridades e formas próprias de expressão. Sem dúvida, parte significativa da produção infantil pode ser abarcada sob a denominação de poesia, considerada principalmente na sua ligação com o jogo, no caráter lúdico da linguagem poética. É preciso, contudo, perceber as modalidades em que a poesia infantil está inscrita, sendo o objetivo deste ensaio tentar uma classificação que dê conta das espécies do gênero.

O relacionamento do sujeito com o real e com a linguagem se dá, inicialmente, através de uma apreensão lírica, em que sujeito e mundo se fundem. À medida que distingue as coisas que a cercam, identifica o outro e afirma a própria existência, a criança desenvolve a experiência épica. Assim, o lírico e o épico são processos que se inter-relacionam na infância, contudo, ressalta-se a predominância do lírico, do gesto primordial do imaginário de reconhecer o mundo através da analogia, em que as coisas e os seres estão relacionados entre si. Esse movimento lírico da primeira infância do ser humano explica o prazer dos sons, das cores, das palavras, e o gosto pela repetição. No mistério que cada imagem poética engendra, o leitor pode entrar nas brechas e alcançar uma vivência interior.

A poesia infanto-juvenil brasileira até a década de 50 caracterizava-se pelo conservadorismo formal e pelo compromisso com a pedagogia. Na exaltação de deveres civis e familiares, mantinha-se vivo o modelo parnasiano de Olavo Bilac. O sujeito-de-enunciação do lírico era o adulto que se colocava num plano superior ao da criança para ensinar-lhe valores morais.

Quando se tratava de poetizar para crianças, o cunho pedagógico-moralizante acabava por prevalecer e falar mais alto. Guilherme de Almeida, embora pertencente ao grupo modernista, vanguarda literária, em *O sonho de Marina* [1941] ainda faz uma caracterização bastante convencional da criança. Henriqueta Lisboa, em 1943, publica *O menino poeta* que avança na experimentação, no entanto os poemas ainda

conservam um sistema de valores convencionais e apenas acenam com uma possibilidade de ruptura [Lajolo e Zilberman, 1984, p. 146-148].

Lentamente a poesia infantil brasileira se liberta da função pedagógica e do enfoque tradicional para se manifestar em outras direções: o experimentalismo e a quebra da discursividade; a perspectiva infantil e a tematização do universo cotidiano; a reutilização das formas folclóricas. Marcas desta mudança são, sem dúvida, seus poetas maiores: Cecília Meireles, Vinícius de Moraes e Sidônio Muralha. e, por isto, se constituem em paradigmas, cujas obras, *Ou isto ou aquilo* [1964], *A arca de Noé* [1974], *A televisão da bicharada* [1962], influenciaram as gerações seguintes de poetas.

Passados mais de 30 anos do início dos novos rumos, pode-se arriscar uma classificação das obras poéticas infantis que se multiplicaram durante este período no país. Sem dúvida, a variedade e a originalidade impossibilitam uma tipificação fechada em limites rígidos. Pode-se pensar em três grandes modalidades: o poema que se realiza de maneira mais lírica ou mais lúdica; o poema narrativo que é a história contada em versos com rima e ritmo; a prosa poética que, sem estar presa ao verso, se constrói a partir de imagens poéticas.

Para falar do poema infantil de tendência lírica, é preciso começar por Cecília Meireles - sua maior expressão. Em *Ou isto ou aquilo*, o jogo sonoro e visual, a tematização do cotidiano infantil e até o reaproveitamento de formas folclóricas, como a adivinha, são atravessados por um estado de alma que funde sujeito e mundo, próprio do lírico. De forma emocional e globalizante, a criança apreende o universo em que se insere, não apenas num processo de reconhecimento, mas de revelação. O eu-lírico diz imaginariamente o mundo existente; no poema "Ou isto ou aquilo", por exemplo, que dá título ao livro, o cotidiano do ser, marcado pela dúvida e pela dificuldade de decisão, é poetizado. Na simplicidade dos versos, "Ou guardo o dinheiro e não compro o doce/ ou compro o doce e gasto o dinheiro", estão representados os polos opostos da realização do prazer que o ser humano é, constantemente, obrigado a conciliar. Sem dúvida, Cecília abre a porta para que a criança se instale no espaço do poema, tratando de um tema que não tem idade, sem menosprezar a inteligência e a sensibilidade infantis, mas ajustando o foco à percepção própria do mundo.

Todos os poemas do livro do mais longo ao mais breve, preenchem as qualidades ou especificidades que Jorge Colina vai buscar na literatura, como marcas de resistência estética para atravessá-la na perspectiva do novo milênio. Nesse sentido, a validade, visibilidade múltipla, forte [Cecília, 1990]. A poesia das crianças não falada e lida com o que estas características se manifestam de modo mais intenso. No verso único de Cecília, qualquer tema, até o mais pesado, denso, é tratado com leveza, às vezes com um toque de melancolia. A proposta da

leveza. Italo Calvino lembra Perseu, o herói que para decepar a cabeça de Medusa, sem se petrificar, precisa se sustentar sobre o que há de mais leve: as nuvens e o vento. O escritor italiano vê nesse mito uma alegoria da relação do poeta com o mundo.

Leveza é o que exprime o poema "Mimada da menina mimada", cujo tema já sugerido pelo título, procura receber uma tratamento de representação, voz do adulto que dita as normas, é visto na sua naturalidade e recorrência, reforçada pela repetição sonora. A poetisa joga com a metamorfose de "[A menina mimada!]", que, deixando de ser trombuada, torna-se "[A menina amada]". Na linguagem - pequenos acrostismos e trocas de letras: no cotidiano - trocas de humor passageiras e sem importância. O tema da velhice, da passagem inexorável do tempo, frequente na obra poética de Cecília Meireles, é apresentado em *Ou isto ou aquilo*, numa perspectiva da brincadeira, capaz de eufemizar a face trágica da existência. No poema "As duas velhinhas", a conversa em torno das lembranças da infância, na hora do chá, transforma as xícaras de porcelana em xicrinhas e as velhinhas Mariana e Marina em meninas - a memória é a possibilidade de resgatar a infância que o tempo, implacável, carregou.

A ausência do amado e o desalento do abandono perdent a rigidez dos contornos e o peso das circunstâncias na musicalidade que a repetição das palavras com o fonema v imprime ao poema "O violão e a viola", como mostra a última estrofe: "Vida de Olívia - levada/ por um vilão violento/Violeta violada/ pela viola do vento". Olívia, frágil, delicada, é uma violeta, na sua dor, violada na alma "pela viola do vento" - o amado que veio com a música e foi-se com o vento. O jogo sonoro se junta às imagens construídas que tomam forma na imaginação do leitor, irradiando múltiplos significados.

Como afirma Bachelard, a imaginação não é apenas a faculdade de formar imagens da realidade, mas a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade - uma faculdade de sobre-humanidade. "A imaginação inventa mais que coisas e dramas; inventa vida nova [...] abre olhos que têm novos tipos de visão" [Bachelard, 1989, p.18]. Os poemas de *Ou isto ou aquilo*, operando com imagens e símbolos, apresentam uma multiplicidade de significados, que se constroem nos gestos simples do cotidiano infantil - imagens sonoras e visuais - como jogar bola, brincar com o eco, observar o mundo (peixes, bolhas, cavalinho, flor), mas se abrem para o encontro de reflexões profundas sobre a condição humana, recorrentes na sintaxe poética de Cecília.

A rapidez e a exatidão, apontadas por Calvino, também se fazem presentes, atingindo os poemas o máximo de imaginário no mínimo de discurso. Nenhuma palavra sobra, nenhuma palavra falta, e o clima lírico é plenamente alcançado. Basta olhar para a contenção, a economia, a lógica essencial de "Rio na sombra", cujo experimentalismo formal e quebra da

diversidade são também sinais da renovação da poesia
contida, acompanhando a estrutura da lírica moderna

Nom
frio
Rio
sombra
O longo som
do rio
frio
O frio
nom
no longo som
Tão longe,
tão bom,
tão frio
o claro som
do rio
sombrio!

Nessa vertente do poema lírico, incluem-se poetas mais recentes e com uma produção poética significativa e já reconhecida. O objetivo do ensaio não é, contudo, fornecer uma relação completa de autores e obras, numa perspectiva da história literária, mas, apenas, tentar perceber as subdivisões em que o gênero no Brasil tem-se expressado. Vale destacar, contudo, entre os poetas contemporâneos, o trabalho de Rosana Murray, que se vem consolidando nas várias publicações. Cada livro representa um novo projeto criativo e original, mas que se liga ao anterior pela escolha de um modo lírico de expressão. Em *Classificados poéticos* (1984), por exemplo, a poetisa vale-se da linguagem referencial, denotativa, e da estrutura dos classificados de jornal - vendem-se, alugam-se, compram-se, mas não objetos materiais concretos e sim coisas do desejo e do sonho:

Aluga-se um lugar
onde se possa montar um bazar
para atender aos mais variados desejos!
Lá quem quiser poderá encontrar
um farol em alto-mar
e dele fazer a sua secreta morada.
Lá quem quiser poderá encontrar
pequeno frascos de essências silvestres
para perfumar a alma em dias de festa
e sonhos mádos, muito úteis
para as segundas-feiras.
Haverá também canúnhos cobertos de musgos
invisíveis a olho nu
e carretel de fio de teia